





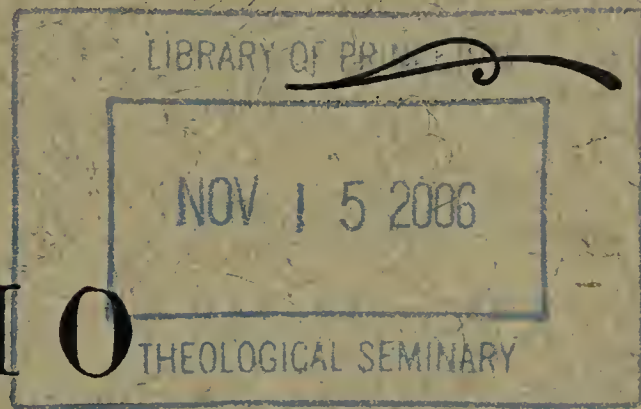
Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

LAP

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

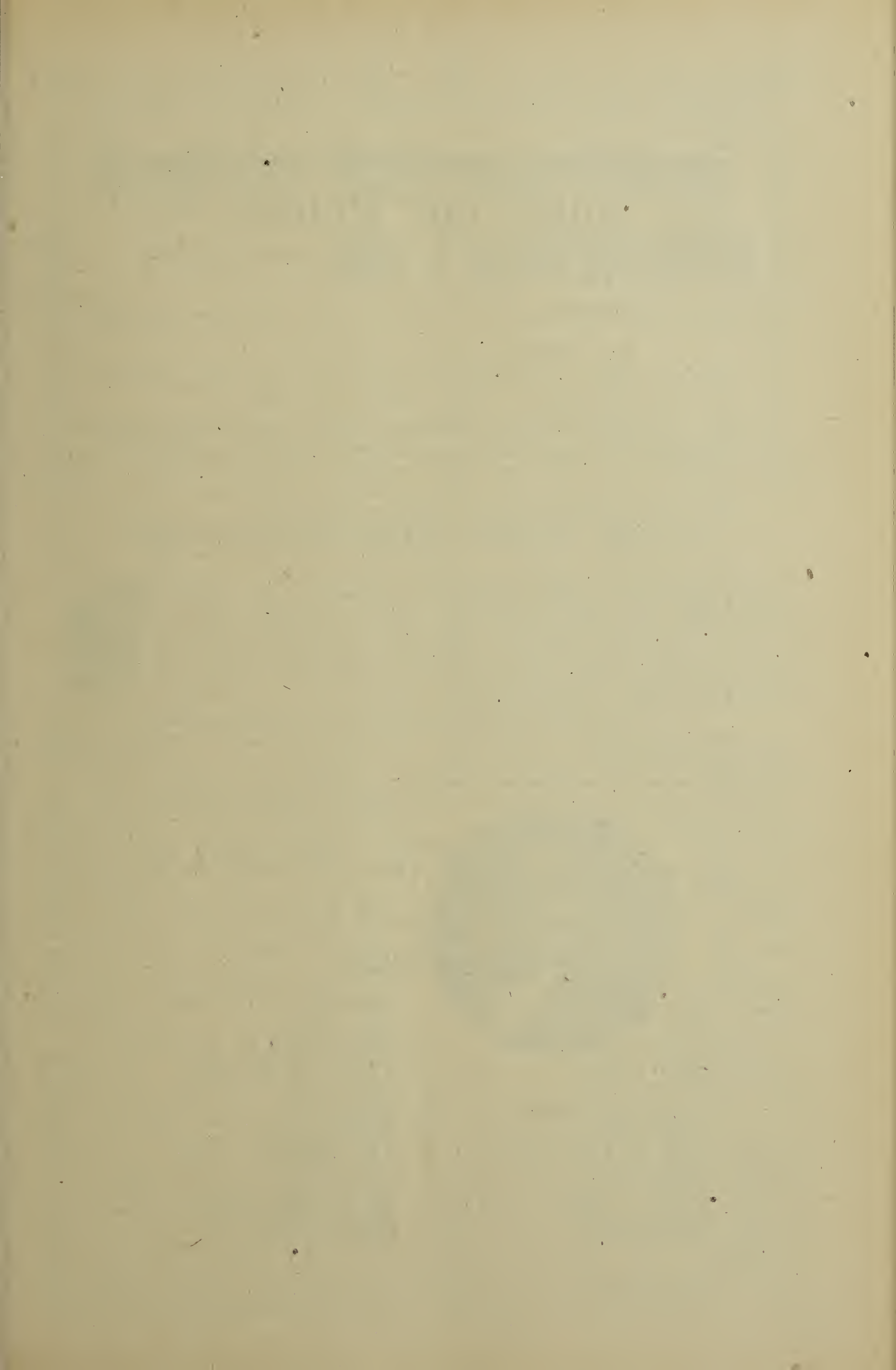
FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL



## SUMÁRIO

Reverenciando uma Data . . . . .	<i>Redação</i>
A Obra de Geley . . . . .	<i>Ismael Gomes Braga</i>
Iscariotes, Meu Irmão . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Trinta Anos Entre os Mortos . . . . .	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
A Vidente de Prevorst . . . . .	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
A Verdade Profética . . . . .	<i>J. B. Chagas</i>
Fenômenos de Materialização . . . . .	<i>Amadeu Santos</i>
Livros e Autores . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Salvou-os da Morte o poder da fé . . . . .	<i>Spártaco Banal</i>
Espiritismo e Psiquiatria . . . . .	<i>João Augusto Tôres Bandeira</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>





---

# Natal dos Pobres

---

Prezado Sr.

Paz e saude

Está se aproximando a data magna do Cristianismo, 25 de Dezembro.

Nesse dia, como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» reunirá em sua séde os pobres da cidade e distribuirá entre os mesmos as dádivas que os corações bem formados lhes ofertarem, numa justa homenagem A'quele que deu a sua vida em holocausto pela redenção da humanidade.

Jesus foi o amparo dos párias, dos aflitos, dos sofredores e dos famintos, que o acompanhavam e ouviam-lhe as palavras de amor e vida eterna, ao passo que os ricos, os poderosos e os cheios da vã sabedoria humana tramavam contra a sua vida. Porisso, tudo aquilo que fizermos aos nossos irmãos necessitados é a Jesus que o fazemos. E o bem que lhes fizermos será recompensado por Deus, não em moeda sonante, porque Deus é superior a isto, mas naquela moeda que simbolisa a verdadeira felicidade do espírito, que é imortal.

Assim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», cumprindo o maior preceito de Jesus — que é o amor do próximo — e no louvavel intuito de proporcionar aos pobres um Feliz Natal, solicita de V. S. uma dádiva, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios e roupas, mesmo usadas.

Antecipadamente agradecida, a Comissão pede a Jesus que lhe proporcione muita saude e paz, um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Matão, 12 de Outubro de 1948.

## A Comissão :

*Chiquita Fonseca*  
*Zelia Perche*  
*Joselina Dias de Lima*  
*Isabel, Perche*  
*Clotilde Cunha*  
*Doris M. Gonçalves*  
*Carmen Torres*  
*Cleide de Barros Perche*  
*Ana Coelho*  
*Donata C. Oliveira*  
*Catarina Bonfoqui*  
*Iracema Lopes*

*Antoninha Perche Campêlo*  
*Elvira Prado*  
*Fenny Perche*  
*Valeria Dias de Lima*  
*Leonor Cruz*  
*Edméa Costa*  
*Manoela Torres*  
*Edna Gonçalves*  
*Olga Coelho*  
*Carmen Pedro*  
*Maria Adelina Felipe*  
*Miriam Perche*

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## Reverenciando uma Data

**A** história do Espiritismo ha uma data que, como o resplendor do sol ao meridiano, brilha perenemente iluminando a senda que a humanidade deve percorrer em demanda dos seus gloriosos destinos — 3 de Outubro.

Efetivamente, foi nêsse dia, em 1804, ha 144 anos portanto, que nascia em Lyon, França, Leon Hyppolite Denizard Rivail (Allan Kardec) que, como Enviado de Deus, devia dar prosseguimento à obra iniciada por Jesus Cristo, com a cooperação decidida da Milícia Celestial, aquela mesma milícia que acompanhou o Meigo Rabí da Galiléia desde o seu nascimento até a sua morte nos braços de um madeiro.

A' medida que o tempo avançar Allan Kardec, como Jesus Cristo, conquistará um lugar proeminente nos corações desejosos de paz, de verdade, de luzes, porque a missão de ambos é a mesma: espiritualizar a humanidade, libertando a das trevas da ignorância para conduzi-la ao lugar que lhe compete no concerto universal. E disto já estamos sendo testemunhas oculares, de vez que os milhões de adeptos do Espiritismo, multiplicando se, como se multiplicaram aquelas primeiras dezenas em milhões

em menos de um século, hão de reverenciar o nome de Allan Kardec, como já está acontecendo, não só entre as quatro paredes de um Centro, mas nas praças públicas, atraindo a atenção de gregos e troianos para as cousas do espírito.

Allan Kardec foi tenazmente perseguido por causa do Espiritismo, assim como ainda hoje os espíritas são



ALLAN KARDEC

perseguidos com a arma da calúnia, da mentira, pelos corifeus das religiões mundanas e seus fanáticos seguidores de casaca e sem casaca.

Eis o que a respeito dizia Allan Kardec :

«No ponto a que hoje chegaram as coisas e tendo em vista a marcha do Espiritismo através dos obstáculos semeados em seu caminho, pode-se dizer que as principais dificuldades estão superadas; êle conquistou o seu lugar, e está assente sôbre bases que dóra em diante desafiam os esforços dos seus adversários.

«Pergunta-se como uma doutrina, que torna feliz e melhor o homem, póde ter inimigos; é natural: o estabelecimento das melhores coisas choça sempre interesses, ao começar. Não tem acontecido assim com todas as invenções e descobertas que têm revolucionado a indústria? As que hoje são consideradas como benefícios, sem as quais não se poderia mais passar, não tiveram inimigos obstinados? Toda lei que reprime um abuso não tem contra si todos os que vivem dos abusos? Como quereríeis que uma doutrina que conduz ao reino da caridade efetiva não fosse combatida por todos os que vivem de egoísmo? E sabeis se são eles numerosos na terra?

«No começo contaram matá-lo com a zombaria; hoje vêem que essa arma é impotente e que, sob o fogo dos sarcasmos, êle prosseguiu o seu caminho sem tropeçar. Não acrediteis que se vão confessar vencidos, não; o interêsse material é tenaz; reconhecendo que é uma potência com que é necessário de hoje em diante contar, vão dirigir-lhe assaltos mais sérios, mas que só servirão para melhor atestar sua fraqueza. Uns o atacarão diretamente por palavras e atos, e o perseguirão até na pessoa dos seus adeptos, que eles se esfor-

çarão por desalentar a poder de embaraços, enquanto que outros, secretamente e por caminhos disfarçados, procurarão miná-lo surdamente.

«Ficai prevenidos de que a luta não está terminada. Fui avisado de que eles vão tentar um supremo esforço. Não tenhais, porém, receio: o penhor do sucesso está nesta divisa, que é a de todos os verdadeiros espíritas: *fóra da caridade não ha salvação*. Arvorai-a bem alto, porque ela é a cabeça de Medusa para os egoístas»

Essas palavras de Allan Kardec aos espíritas de Lyon, na ocasião em que êle agradecia-lhes a manifestação coletiva por motivo do ano novo, ainda permanecem de pé. O cenário é o mesmo e os artistas embora outros, vestem a mesma roupagem na representação do mesmo e eterno drama — perseguir a verdade por todos os meios.

Que essas palavras, cheias de advertências, sejam para os espíritas um estímulo poderoso no trabalho de semear em todos os corações as sementes da Terceira Revelação, que é o Espiritismo, Paracleto da Promessa.

A Allan Kardec, por motivo da data que relembra o seu nascimento, 3 de Outubro, as nossas homenagens, num culto de grande estima.

## A OBRA DE GELEY



### — XIV —

Geley passa em revista os filósofos do pessimismo para divergir deles e ensinar o otimismo. Para o filósofo materialista, a vida é a dor, é um sofrimento sem esperança e sem finalidade. Todos os homens nascem, crescem, vivem e morrem, sofrendo. Tudo é sofrimento neste vale de lágrimas e, depois dele, o nada, o eterno esquecimento que nivela os rasgos de heroísmo mais sublimes aos crimes mais hediondos.

A humanidade progride sómente para criar mais dores, mais guerras, mais sofrimento. E' esse o triste dile-

ma do pensador materialista; mas ao espiritualista tudo é esperança e certeza na realização do bem supremo.

E' Geley quem nos vem ensinar:

«Para que a visão mude, para que o pensamento da morte se despoje de seu caracter esterilizador e de sua aparência de maldição, é preciso dar à idéia evolucionista seu complemento natural: o ensino da palingenesia. Então tudo se esclarece, os túmulos deixam de ser túmulos: são asilos passageiros para o fim da vida, como as camas são asilos de repouso para o fim do dia. Assim concebidos, não po-



dem inspirar espanto nem cerrar o horizonte: nada mais fazem do que marcar uma etapa nova na ascensão bendita para a consciência e a vida. Por uma presciência infalível, vemos, desde agora, do outro lado do túmulo, recomeçar o Espírito a marcha para o infinito, cada vez mais cômoda, com horizontes mais belos e mais dilatados, e numa comunhão mais íntima, mais pura e mais inefável.

«Assim como desaparece com a idéia palingenésica o caráter fúnebre da morte, assim também esboroa o monumento de injustiça edificado pelo evolucionismo clássico. Já não há na evolução sacrificados nem privilegiados. Todos os esforços individuais e coletivos, todos os sofrimentos e amarguras terão acabado na realização da justiça e na preparação do bem, mas o bem e a justiça para todos, por que todos teremos contribuído para eles.

«O objetivo e o sentido da vida nos são desde agora acessíveis e achamo-los de conformidade com as nossas esperanças idealísticas.

«Em nossa concepção do Universo não ha lugar para uma filosofia pessimista que só tinha por base uma visão incompleta e falsa das coisas.»

Admitida a eternidade dos seres, o nosso Autor vai chegar às conclusões mais otimistas do Universo e do futuro. Vai chegar inevitavelmente à certeza da realização da soberana consciência, da soberana justiça, do soberano bem. Tratando da realização da soberana consciência, diz:

«O que ha de «essencial» no Universo é indestrutível e eterno; é permanente através das aparências transitórias.

«O que ha de essencial no Universo passa, pela evolução, do inconsciente para o consciente.

«A consciência individual forma parte integrante do que ha de essencial no Universo, e evoluciona, indestrutível e eternamente, do inconsciente para o consciente.»

Estudando a formação da cons-

ciência soberana, trata das existências sucessivas e diz:

«Na cadeia das existências, uma vida terrestre não tem mais importância do que um dia no curso desta vida. Uma vida; um dia: ambos têm na evolução uma importância comparável e uma verdadeira analogia.

«Há dias bons e dias maus, como há vidas boas e más: dias e vidas aproveitados, e dias e vidas perdidos.

«Um dia, uma vida, não se podem apreciar isoladamente, só se podem apreciar em relação com os dias e as vidas precedentes, com os quais se encandeiam e nos quais interpenetram. Não há trabalho nem inquietação exclusivamente limitados a uma vida nem a um dia. Não se formula o programa de um dia ou de uma vida sem ter em conta os dias e as vidas passados, as vidas e os dias vindouros. Como os dias, as vidas estão separadas por um período de repouso aparente, mas, ao mesmo tempo, de labor fecundo, de assimilação e de preparação. Assim como, ao se despertar o homem, se acham resolvidos como que por encanto muitos problemas complicados da véspera, assim também, na aurora de uma vida, o Ser parece guiado em seus primeiros passos e caminha com segurança, como que levado pela mão, ao longo da senda que para si traçou e a segue sem a ver, precisamente por ignorá-la.

«Desse modo, de existência em existência, pela multiplicidade das existências registradas e assimiladas, a pouco e pouco chega o Ser às fases superiores da vida, a essas fases que estão reservadas ao desenvolvimento completo da consciência, à onisciência realizada.

«A onisciência deve estender-se, idealmente, ao presente, ao passado e ao futuro, isto é, realizar uma espécie de adivinhação atualmente incompreensível.»

Assim adiantado, a ponto de tudo saber, o indivíduo terá realizado a consciência soberana, tocando as raias da divindade, estará reintegrado em Deus, será uma das forças criadoras da natureza superior.

---

*Assim como não pode haver colheita sem sementeira, ninguém obterá proventos espirituais se não semear as sementes das virtudes ativas. Estas sementes encontrareis no Evangelho de Jesus. — MARIQUINHAS.*

# ISCARIOTES, MEU IRMÃO

Crônica de  
LEOPOLDO MACHADO

Judas, meu irmão, escuta e reflete o que te vou dizer.

Nenhum papel, na Tragédia do Gólgota, foi mais doloroso e terrível do que o que—por teu bem ou por teu mal—desempenhaste.

Entregaste o Mestre aos seus mais terríveis inimigos de todos os tempos — os sacerdotes e doutores — para o sacrifício da flagelação e da cruz.

E entregaste-Lho, através da perpetração de tríplice falta: contra Aquêle que te escolheu para discípulo, contra o teu apostolado e contra a maior carícia do afeto, o beijo!

Maculaste, meu irmão, uma confiança puríssima, uma formosa missão espiritual e o beijo.

E porque, meu amigo e irmão?

Quem o sabe, se tu próprio não o declaraste?

Por ambição e maldade é que não foi e nem podia sê-lo.

Sinão, guardarias contigo o preço da traição e, impassível, assistirias a tragédia do Nazareno.

Cheio de desespero, procuraste resarcir, num arrependimento subitâneo, com outro crime, aquêle que havias perpetrado.

O ramo da figueira, em que te enforcaste, é bem uma lição expressiva para os judas, em bem maior número, que te sucederiam.

E, antes do suicídio, soubeste, com nobreza, restituir aos sacerdotes e doutores da lei, a moeda de tua traição.

O *Haceldama*, cemitério para estrangeiros, que se comprou com a vil moeda, ficou a apontar aos iscariotes, pósteros, a aplicação menos indigna que se devem dar a moedas recebidas pelas amizades e confianças traídas por dinheiro.

Era do espírito da profecia que um dos discípulos do Senhor teria de traí-lo, como o fizeste.

E fôrça era que se cumprissem as Escrituras.

Tu, o escolhido para o papel infamante?

Não, que não te caberia, assim, responsabilidade alguma. Nas guerras, a responsabilidade dos morticínios não cabe

aos soldados, que executam ordens, mas aos que ordens transmitem.

Pediste, naturalmente, no Plano Espiritual, cheio de entusiasmo pelo Mestre, e possuído dos melhores propósitos, a missão do apostolado.

Mas, tuas fôrças eram fraquezas para a grande missão.

Sempre houve, e continua a haver tanta gente assim, que pede provas superiores ás suas fôrças.

A «natureza não dá saltos» e muita luz cêga.

Quiseste saltar muito alto e pediste luz forte de mais para tuas fôrças.

Êste, teu engano e teu êrro maior. Nenhum viciado abjura, de um dia para o outro, o vício em que se atolava pela virtude que, perto ou longe, vê brilhar.

Mas, soubeste, meu irmão, reagir, com um gesto sublime de arrependimento, a despeito da perpetração de outro crime, a tua falta enormíssima...

Nenhum papel na «Tragédia do Calvário» mais negro do que o teu.

Negrume que te envolveu no ato infamante, que se projetou, envolvendo o teu nome, os séculos afóra, através das gerações que se dizem cristãs, até hoje.

Compara tua história à de Pedro, por exemplo.

Simão Barjona, que deu, por três vezes, provas flagrantíssimas de fraqueza, tão grande uma delas que o próprio Senhor o repeliu, a dizer: «para trás, Satanaz!»; Pedro, contudo, foi promovido a S. Pedro. E até guindado à condição infalível de primeiro papa! E é, ainda, considerado, nas crenças populares, o chaveiro do Céu, o protetor dos pescadores e das viúvas.

Tu, meu irmão Judas, que foste, sem nunca desviars, tal a tua noção de economia, um ceitil—o tesoureiro da comunidade; tu, só porque erraste uma só vez, reparando, imediata e dolorosamente, o êrro cometido, foste e continuas execrado, através das gerações e dos séculos.

Ninguém se lembra de teu nome sinão para execrá-lo!

Num manipanço ridículo, és malhado e queimado em todas as quaesmas!

Ah! meu irmão Iscariotes, se se fi-

zesse o mesmo com os judas de verdade que se encontram, a vida em fóra, que nunca se lembram de devolver o prêço de sua traição, nem de uma corda e de um ramo de figueira!...

Se se fizesse o mesmo com tais judas, não se esperariam quaresmas, porque se teria o que fazer diariamente.

Teu nome atirado a alguém é supremo labéu.

Tão grande é a animosidade contra êle, que nem os espiritistas o escolhem para designação de «centros», para guias de seus trabalhos, para patrono de obras.

E terão, porventura, os que te execram, a pureza e a retidão bastantes para tanto?

Os puros e os retos de verdade, a ninguém aviltam, não execram ninguém. Antes, se aproximam, como o Cristo, dos impuros e pecadores para soerguê-los da lama do pecado e da impureza...

Nós que, hoje, procuramos o Senhor, sentimos que não nos sobram motivos para te apontarmos à execração. Que terá feito nosso espírito, através de existên-

cias terrenas, sinão traír o Cristo? Por que, naturalmente, temos voltado, vezes sem conta, ao mesmo planeta de expiações e provas? Não teríamos sido, a pesar nosso, daqueles que, diante de Pilatos, no Pretório, preferiram Barrabás a Jesus? Se a geração do Cristo não se passaria sem que se cumprissem as profecias que só agora se realizam, é certo que nosso espírito pertenceu áquela geração. Traímos o Senhor naquela época, e continuamos a traí-Lo ainda hoje. Traímo-Lo sempre que, concios das verdades de Seu Evangelho, norteamos nossos atos fóra dêle! Traímo-Lo todas as vezes que os ímpetos de vingança e o desamor nos dominam! Sempre que fugimos do bem que podemos fazer, do testemunho que póde edificar, do perdão que póde redimir, do auxílio que póde animar, da humildade que exalta, da caridade que salva!

Por isso que, diante de nós, não se poderia dizer aquilo que Vitor Hugo adivinhou poderá dizer, alguém ao qual se depare, na Espiritualidade, um Espírito de muita luz:

— Deus te salve, meu irmão Judas!

## Trinta Anos Entre os Mortos

© Autor: Dr. Carl A. Wickland ©

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd.—Como é que a vossa mãe vos chamava?

Esp.—Ela me chamava Paul.

Méd.—E o vosso sobrenome qual era?

Esp.—Há muito que não o ouço.

Méd.—Como é que se chamava o vosso pai?

Esp.—John Hopkins.

Méd.—Logo deveis ser Paul Hopkins. Em que Estado nascestes?

Esp.—Esqueci-me. Oh, sim, nasci em Yuma, Arizona.

Méd.—Já estivestes em Los Angeles?

Esp.—Sim, já estive uma vez. Havia belos salões na Main Street e eu suponho que eles ainda existem.

Méd.—Não, já não existem mais.

Esp.—Não sei o que teria sido feito deles.

Méd.—Foram fechados.

Esp.—Eram na Main Street, entre a Segunda e a Terceira (ruas).

Méd.—E o que pensaria vossa mãe de vossa situação atual?

Esp.—Minha mãe já morreu.

Méd.—O espírito não morre. Ela ficaria triste se vos visse em tal estado.

Esp.—Mas eu estou perfeitamente bem. Sinto-me jovem. Consigo um copo de uisque quando quero e isso me põe bem disposto e feliz.

Méd.—Sentis-vos então feliz quando vedes um homem bebido na sargefa?

Esp.—Nunca vi semelhante espectáculo. Bebida é uma coisa ótima. Oh, mas que é isto? (Vendo algum espírito).

Méd.—Isto o que?

Esp.—E' uma bonita senhora. (Ao espírito) Quem sois vós?

Méd.— Talvez seja a vossa própria mãe.

Esp.— E' uma senhora idosa. Diz ela que conhece a minha mãe. Minha mãe era uma boa cristã. Suponho que ela esteja no Céu, com Deus, perto do trôno.

Méd.— Jesus ensinou que Deus é Espírito e que Deus é Amor. Não podeis então achar um Deus sentado no trôno.

Esp.— Onde então se senta Êle ?

Méd.— Deus é Espírito e não está, pois, num lugar especial. Êle é a Vida de toda a Natureza. Sois uma expressão do próprio Deus. Compreendi enfim que sois um espírito ignorante e venci os vossos vícios para que possais progredir.

Esp.— Esta senhora me diz que se eu me comportar bem eu irei para a cama descansar um pouco. Estou muito cansado, cansadissimo. Poderei então repousar um pouco ?

Méd.— Sim e, quando despertardes, verificareis que sois um espírito, que deveis dominar os vossos vícios e progredir no mundo espiritual.

Esp.— Esta senhora é uma enfermeira.

Méd.— Não podemos vê-la como vós. Não vos vemos também. Estais usando o corpo de minha esposa.

Esp.— Não compreendo nada disto. Quero ir deitar-me.

Méd.— Deveis saber qual o fim da vida.

Esp.— Dizem-me aqui que, se eu for para a cama, não ganharei mais uisque.

Méd.— Sim, mas aprenderéis como progredir.

Esp.— Mas então não conseguirei mais bebida ?

Méd.— Não.

Esp.— Bem, não me importa. Estou cansado e quero descansar. Que se pode fazer ? Não tenho um lar e nem para onde ir.

Méd.— E' porque não comprehendestes ainda a vossa situação.

Esp.— Esta senhora diz que eu

terei um lar com a minha mãe. Irei então para a minha mãe. Gostará ela ainda de mim ?

Méd.— O amor materno nunca morre. Depois de adquirirdes conhecimentos ajudareis então aquela senhora a quem estivesdes obsedando. Fizestes dela uma perfeita bebedeira.

Esp.— Fiz isso ? Não o sabia. Queria algo para beber, mas não sabia que estava causando qualquer mal.

Méd.— Quando ela veio aqui, hoje à noite, estava embriagada e nós fizemos um tratamento nela.

Esp.— Também o recebi.

Méd.— Fizestes-a beber, porque ela própria não bebia. Procurou resistir às vossas sugestões, mas é uma sensitiva e acabou por ser vencida.

Esp.— Custa tanto se deixar um vício.

Méd.— Deveis agora cumprir o vosso dever, auxiliando-a.

Esp.— Sinto-me mesmo muito cansado. Quero ir repousar.

Méd.— Pensai em tal cama e estareis aí.

Esp.— Só ? Pelo pensamento ?

Méd.— Sim, acalmai-vos e pensai no que desejais.

Esp.— Lembrai-vos de mim. Sou um bom rapaz e gosto de vós, apesar de haverdes posto aquele fogo encima de mim.

Méd.— A senhora que vêdes será a vossa enfermeira e cuidará de vós.

Esp.— Minha mãe está aqui. Oh, mamãe, querida mãe, perdoa-me então ? Não era tão bom assim. Não beberei mais. Ela diz que me auxiliará. Deus vos abençõe por todo o trabalho que tivestes por mim.

Depois desta sessão, um amigo observou notável mudança para melhor no estado da Sra. V., dizendo que nenhum desejo a levou mais a beber. A própria Sra. V. deu-me conhecimento de tal modificação em sua pessoa e expressou os seus agradecimentos pelo alívio obtido.

---

*Os que voltam aos rudimentos das velhas religiões, que fascinam mas não iluminam, são como os ôdres velhos: não suportam o vinho vivificante dos novos conhecimentos, procurando assim aumentar os seus proprios males. — GREGORIO.*

# A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

## CAPÍTULO XVII

### *Manipulação magnética e prescrições contra doenças*

Facto digno de nota é que minha esposa tem sobre a Sra. Hauffe a mesma influência magnética que eu e que, aproximando a ponta de seus dedos dos da enferma, pode fazê-la levantar-se do leito, como eu mesmo o fazia, quando era absolutamente incapaz de sentar-se nêle. Ela perde, bastas vezes, o sentimento ou a consciência da vida. Parece que não tem cabeça, nem braços e nem pernas. Em tais casos, ela tem, olhos fechados, noção de todas as coisas, mas não pôde dizer se as vê ou as sente. Se, por meio de passes, eu lhe faço abrir as pálpebras, não vê senão a minha pessoa. Suas pupilas permanecem imóveis e ela não pôde dizer se me vê ou me sente. Quando acorda, fica profundamente penalizada se alguém lhe conta o que disse durante seu sono e então suplica nunca mais fazê-lo.

A Sra. Hauffe, aproximando-se de pessoas enfêrmas, mesmo sem tocá-las, porém mais seguramente as tocando, tem consciência de suas enfermidades, experimenta todas as suas sensações, antes que elas as descrevam e sempre com grande espanto das mesmas. Ela não resente apenas o seu estado físico, mas também as diversas emoções de suas almas, as primeiras se imprimindo sobre seu corpo e as segundas sobre sua alma.

«Esses factos, diz Eschenmayer em seus «Mistérios», podem ser provados por testemunhos. Eu mesmo posso trazer o meu, porque ela tem, com a maior exatidão, adivinhado o estado de todos os meus órgãos, do mesmo modo que os de um dos meus amigos e isso pelo simples contacto da mão. Embora tais fenómenos não sejam tão frequentes com as sonâm-

bulas, não são eles menos notáveis. Do mesmo modo que não podemos negar que toda a susceptibilidade de um organismo se pode concentrar na mão ou em outra parte do corpo, explicando assim a desproporção de sensibilidade entre os diversos órgãos, do mesmo modo se torna cada vez mais provável que existe um sentido oculto que pôde atingir até o próprio centro do sistema nervoso. Èle aí se desenvolve por uma aproximação recíproca, uma espécie de polaridade entre os sistemas nervosos das suas pessoas. Nessa relação de polaridade entre os dois sistemas, os órgãos especiais de um se estendem por assim dizer e acabam por se colocar especialmente em polaridade com os órgãos correspondentes do outro, de tal sorte que os órgãos alterados do enfêrmo (polo negativo) se refletem nos órgãos correspondentes do clarividente (polo positivo). Daí vem que o estado do enfêrmo é sempre adivinhado. Nesses casos de simpatia, a sensação é o condutor neutro entre os polos homônimos que se comunicam.

Uma prova eloquente disso foi oferecida pelo caso de uma senhora que nos era inteiramente desconhecida e que me veio pedir permissão para a Sra. Hauffe tocá-la, quando estivesse ela acordada, por causa de uma violenta dôr de fígado. A Sra. Hauffe descreveu exactamente suas dores, depois, tornando-se subitamente vermelha, acrescentou que ela só pôdia ver com o olho direito. Essa senhora estranha, profundamente surpresa, disse que havia certo número de anos que tinha quasi completamente perdido a vista direita, mas que, sabendo ser o seu mal incurável, não me falára disso. A Sra. Hauffe só recuperou a vista esquerda pouco a pouco, ficando a pupila incontractil,

como no caso de amaurose. Ela não podia ser curada senão por pessoas de olhos sãos, que dirigissem, com energia, durante muitos minutos, seus olhares sôbre a vista doente.

No dia 5 de Setembro de 1827, à noite, coloquei na mão da Sra. Hauffe uma fita em que escrevera o nome de uma senhora enfêrma, cuja infecção me era tão desconhecida como à própria pessoa que dela padecia e que não tinha, certamente, levado ou tocado tal fita. A Sra. Hauffe só a segurou por alguns minutos na mão, quando foi tomada de vertigens, sufocações, vomitos violentos, com dores, anciedades com irritação na garganta. Lavou-se a mão dela e procurou-se por diversos meios fazer cessar tais sintomas, mas a coisa foi piorando e ela caíu em estado cataléptico semelhante ao da morte, com o corpo inteiramente frio. Um vesica-

tório, que eu apliquei, não deu resultado e ela não saíu de tal estado senão pouco a pouco e no fim de vários dias. No dia 6 do mesmo mês, sabia eu, pelos jornais, da morte daquela senhora. Tornou-se assim evidente que já estava morta e enterrada quando eu dei a fita à Sra. Hauffe, o que explica os factos observados. Não resta dúvida de que se ela estivesse em estado sonambúlico teria visto o corpo da mesma, em seu túmulo. Van Helmont fala de uma senhora paralítica, que tinha sempre crises de paralisia quando se sentava numa cadeira em que seu irmão, morto havia cinco anos, tinha o hábito de se sentar. Um sonâmbulo me disse certo dia: «Se os homens conhecessem apenas os números e os períodos, eles curariam as mais graves enfermidades pelos meios mais simples».

## ☉ Fenômenos de Materialização ☉

XXI

O Grupo «André Luiz», na tarde do dia 25 de Dezembro último, reunia-se para a sessão comemorativa do Natal quando, inesperadamente, surge uma visita — o distinto casal argentino Nathan Douek e Andréé Pirotte de Douek, que assistiu à solenidade com visível respeito e atenção. Terminada esta, e antes que o salão se esvasiasse de todo, da assistência que o superlotava, os nossos irmãos platinos se deram pressa em se apresentarem à diretoria da casa, dizendo-se recém-chegados de Pedro Leopoldo, de junto do estimado médium Chico Xavier, donde trouxeram comovedoras mensagens psicográficas de Emmanuel e de Cosme Mariño passando a relatar sua breve história pelos lábios do Snr. Nathan, industrial, cavalheiro de fino trato, descendente de Israel. Pela quarta vez visita o Brasil, em tratamento de sua saúde, buscando remédio para a cura de seus males corporais, notadamente a «diabete», tendo feito estágios em Poços de Caldas, Caxambú, Araxá, etc. Sem atinar com a causa, defrontava-se, constantemente, com espiritistas, médicos ou não, e se via de quando em quando em ambientes espíritas.

Foram-lhe oferecido livros da Terceira Revelação, desde às obras fundamentais de Allan Kardec, ás obras psicografadas pelo Chico Xavier. Daí um salto para o contacto com os espíritos, os irmãos nossos do outro plano da vida. Em várias cidades e por médiuns diferentes, todos o confortaram, mimoseando-o com demonstrações de efusivo afeto, sendo todos concordes em afirmar que êle tinha uma grande missão a cumprir na República Argentina.

Ficou sabendo que êle se submetia a um plano urdido pelos seus guias espirituais para que aceitasse a Jesus como o Messias, o Divino Emissário de Deus que trouxe a luz ao nosso mundo de ilusões e trevas e seguisse o seu Evangelho de Graça e Redenção, o que êle estava conseguindo através da Consoladora Doutrina dos Espíritos. Seu médico, de Poços de Caldas, que só mais tarde o soubera espírita, lhe recomendou inesperadamente uma estação de tratamento em Araxá, tendo nessa ocasião ido a Belo Horizonte e a Pedro Leopoldo.

Na União Espírita Mineira e em outras instituições espíritas de Belo Ho-

rizonte foi novamente advertido dos compromissos assumidos, no Espaço, de realizar um grande trabalho espiritual em terras platinas. A concordância de todas as advertências em lugares diversos e díspares, já lhe não permitiam duvidar da verdade da comunicabilidade dos espíritos com os incarnados e por consequência, não podia descrer do Espiritismo.

Fôra duas vezes a Pedro Leopoldo, onde o seu espírito se banhou profusamente na luz do Evangelho de Jesus, através do Espiritismo. Na segunda, fôra acompanhado de sua esposa, que tinha sido chamada, com urgência, da Argentina, aquí chegando de avião para fins, também, de conversão, pois que, no dizer dos espíritos, importava que sua companheira aceitasse o Espiritismo para o cabal desempenho da sua missão, que teria nela o esteio como médium espontâneo, portadora de várias mediunidades. Um e outra receberam inesquecíveis bênçãos em Pedro Leopoldo. Souberam que um antigo rabino hebreu, chamado Moisés, e que fôra avô de Nathan, mas que êle não conhecera, o estava assistindo e o iria ajudar no desempenho das suas tarefas espirituais, inspirando-o e animando-o; que Paulo de Tarso o estava envolvendo, das regiões alcandoradas onde se encontra êsse pulcro espírito, com um olhar protetor de carinho e benevolência, afim de que não falhasse no desempenho das atribuições que lhe foram confiadas para as terras Argentinas.

Entregando-nos as mensagens mediúnicas e dizendo que nos estava procurando por ordem superior, como o pude provar, o Professor Newton procedeu à leitura das ricas peças de literatura doutrinário-cristã, que enlevou os nossos espíritos.

Como alí estivessem os principais médiuns da casa, fizeram-se alguns momentos de concentração orou-se e evocou-se a assistência do Alto.

Pelo médium Peixoto comunica-se o boníssimo espírito de Garcês, que confirma integralmente tudo o que se estava apreciando e recomenda sejam quebradas todas as formalidades e exigências da casa para permitir-se o acesso ao casal visitante à próxima sessão de sabado, onde Nathan iria ser beneficiado e assistido espiritualmente.

Aludindo às carinhosas referências

de Emmanuel, confirmou, omnis, o contexto da sua mensagem.

A sessão eventual foi encerrada com uma prece.

Sabado, 27 de Dezembro.

Com a presença de vinte e oito pessoas, inclusive três visitantes: Nathan, André e Araci, respectivamente da Argentina e de Campos, a reunião foi aberta pela primeira vice-presidente do Grupo, Senhorita Lais Teixeira Dias, depois de cantado o hino «Obreiros de Jesus» e de proferida a prece inicial.

Não se fez, desta vez, a leitura de uma página de André Luiz, uma vez que fôramos avisados, antes, que os trabalhos desta noite, conquanto demorados, seriam de tal modo importantes e pontilhados de fenômenos copiosos, que o tempo dedicado à leitura era preciso gastá-lo em outras atividades espirituais, a critério dos nossos guias.

Passou-se, assim, a fazer alguns instantes de meditação, durante o que se manifesta o espírito de Araci, fazendo as necessárias recomendações aos presentes aconselhando-os a observarem as melhores maneiras de cooperarem para o êxito da reunião, mandando fosse recolhido o médium Lins, á cabine. Foi cantado então o hino «Entardecer». Diminuída a luz no ambiente, a Lais passa a ler um trecho de uma das epístolas do Apóstolo Paulo. O «Vôvô Vitorino», profere uma sentida prece em intenção dos enfêrmos. Sou eu o encarregado de fazer o primeiro comentário da lição lida, tendo-o feito sob potente influência mediúnica. A esta altura dos trabalhos, surge uma entidade espiritual materializada, junto da entrada da cabine. O recinto estava provido de bastante claridade, de maneira que foi fácil às pessoas presentes verificarem, que esta aparição em nada se assemelhava com a dos espíritos conhecidos no Grupo. A conformação do seu vulto era atlética. Seu rosto, de tez moreno-bronzeada, tendo espessa e não muito longa barba preta. Seu traje, oriental, originalíssimo. Sua presença teve uma duração rápida, pois talvez não avançasse de um minuto. Segue-se a produção do fenômeno de voz direta. É o querido José Grosso que enche agora a casa de encantamento e emotividade com a sua palestra animada, instrutiva e alegre. A uma indagação minha, responde que a entidade materializada era

a do espírito de Moisés, de nobre estirpe de Israel, avô de Nathan, presente á reunião.

Recomenda cantemos «Almas Gêmeas», no que foi atendido. Da cabine, partem então explosões de luz em coloridos diversos. Sente-se penetrante perfume a encher o ambiente. Aparece novamente Moisés, ostentando um traje rico, á maneira judaica, com lindos bordados e interessantes aplicações em flores e rendas, parecendo um combinado gracioso de estampado fino. Na cabeça, traz originalíssimo barrete. Penetra no recinto e faz vários gestos com a mão direita, aplicando passes nos assistentes, notadamente em Nathan, em frente do qual faz ligeira parada, tocando-o e ministrando-lhe outros recursos assistenciais. Recolhe-se depois de fazer compassados gestos de caracter litúrgico, envolvendo a todos em profuso e distinguido carinho espiritual. Nathan e Jaks, que estavam próximos de mim, explicaram-me que aquella vestimenta era característica dos rabinos, doutores da lei judaica ou ministro do culto judaico e que os meneios, passos e mímicas singulares, por mim observados, obedeciam á liturgia hebraica.

O Fidelinho fala-nos por voz directa. Dirige palavras carinhosas á Arací, incumbindo-a de levar os seus protestos de amor á nossa irmã Maria Amelia, de Campos. Canta-se o hino «Canção Materna», que o Fidelinho acompanha, já então materializado, aparecendo na sua estatura minúscula, embalando-se ao ritmo musical. O venerando companheiro, farmacêutico Galeno dos Santos, que fazia a sua *rentrée* nesta sessão, depois de uma ausência de mais de dois meses, profere comovida prece em intenção dos doentes. O José fala-nos novamente, enchendo de júbilo os nossos corações. Promete, a pedido meu, favorecer os irmãos argentinos com uma atetuosa lembrança, consistindo esta na modelação de sua mão entrelaçada na mão de Moisés, sendo que a deste apresentaria o defeito físico que tivera em vida — o dedo médio decepado. Atirou no meio da assistência um enorme cristal de rocha, que produz raios de fogo com o atrito, pilheriando êle que aquella luz levava fluidos bons para os presentes. Recomenda ao companheiro Rodrigues que mande lapidar a pedra e ofereça alguns exemplares ao estimado Virgilio, de Astolfo Dutra, dizendo que

isto constituia «as festas» que ofertava á quele amigo e companheiro.

Cantam todos o hino «Pai do Céu». Materializa-se agora o espírito de João de Deus, o idolatrado *Samaris* do nosso Grupo e que tantas afinidades tem aquí e na Escola Jesus Cristo. Estatura mediana, robusto, de longas barbas negras, porte altivo e esbelto. Atravessando a sala, vem junto á presidência, espalhando eflúvios consoladores, falando-me, ao Jaks e á Arací, incumbindo esta irmã de levar suas doces e amorosas lembranças á *Samayana*. Afastando-se, fê-lo depois de nos envolver com o seu terno olhar e os seus gestos afetuozos. O Capitão Leite téce comentários sôbre as palavras de Jesus «Bemaventurados os aflitos porque serão consolados», havendo-se com muita felicidade, ressaltando que a carne só é fraca porque o espírito o é. O Dr. Lauro Sales téce sucinto comentário sôbre a lição da noite.

Nina Arueira apresenta-se, numa materialização nítida. Dirige-se á Lenice e á Arací, tendo referências amigas para com a «Escola Jesus Cristo», de Campos. Pede seja colocada uma cadeira no meio da assistência, em que mandou assentar-se o nosso irmão Nathan. Obedecida, faz-lhe passes demorados, o mesmo fazendo á Lais, que o substituiu no lugar aprazado. Lais, entre lágrimas de reconhecimento, óra ao Senhor dos Mundos, agradecendo-lhe as graças recebidas. Reassumindo a presidência, a nossa irmã pede cantemos o hino «Celeste Amigo», o que fizemos com satisfação. Nina cantou conosco, ainda materializada, passando a dirigir-nos a sua palavra atraente enaltecendo a virtude da humildade. Recolhendo-se o querido espírito, a irmã Maria Madalena de Oliveira eleva a sua alma em fervorosa súplica a Jesus. Lenice Teixeira Dias comenta as palavras de João Batista referentes ao Cristo — «Eis aquí o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo», o que faz com notória inspiração. Moisés reaparece-nos á entrada direita da alcôva, arrastando com a facilidade de quem arrasta uma palha, a pesada e grande mesa alí colocada, dalí, bem do centro, dirigindo a palavra á assistência, pregando preceitos de moral pura durante, aproximadamente, quinze minutos. Fala particularmente a Nathan, confirmando tudo o que o Alto lhe dissera por intermédio de vários médiuns, afiançando-lhe que sua



esposa, André, o iria auxiliar com os potentes dons mediúnicos com que a distinguiu a Providência Divina.

Alguem lembrou fosse cantado o hino da «Juventude Espírita Abel Gomes», que o dedicado espírito de Scheila dera, por escrita direta, numa das últimas sessões. Cantada a linda melodia, destacava-se o acompanhamento de Scheila, que sai da cabine cantando, atravessa a sala e entra no lado oposto, sempre a cantar. Lais agradece-lhe a manifesta prova de seu carinho, para com a Juventude, respondendo-lhe que o agradecimento deveria ser feito a Deus e não a ela.

A nossa irmã Hilda profere uma rogativa comovedora, na qual envolve vários doentes, conhecidos seus. Os elementos presentes cantam o hino «Quando Jesus passa». O desvelado espírito de Ilka declama, em voz direta, um lindo soneto da lavra de João de Deus. O José fala-nos ainda, dirigindo carinhosas palavras ao amável irmão Vitorino, pai de Ilka, que tendo lamentando não ter ouvido distintamente a sua filha, devido à sua deficiência de audição, recebia o conforto da promessa de que ela iria escrever, oportunamente, com o seu próprio punho, em que aparecerá a sua caligrafia, os versos que acabava de recitar. Dulce de Fatima roga ao José para pedir à Ilka que escrevera algo no seu «album», respondendo seguidamente José, Fidelinho, Ilka, João de Deus e Nina Arueira, cada qual em sua voz característica, que escreve-

riam não só no seu «album» como no da Dulce Santos e no da Lenice.

É cantado o hino «Aprendizes do Espiritismo».

O irmão Fonseca pede a palavra para explicar o fenômeno da materialização de sua esposa, fazendo uma prece com a mais encantadora emoção.

Um dos nossos guias, que me pareceu ser Garcês, orienta-nos que chegamos ao término da nossa reunião, recomendando cantássemos o hino «Prisão Marmentina»; fosse o Ferreira assistir ao médium e fizessemos a prece de encerramento.

O irmão Vicente Viola é o encarregado de agradecer a Deus, a Jesus e aos nossos guias espirituais as bençãos divinas que nos reservára nesta noite, prodigiosa e fecunda de emoções e enlevos reconfortantes. A Lais declarou então encerrada a sessão, marcando o relógio precisamente vinte e três horas.

No meio do salão encontramos o cristal que o José nos ofertara. Ao lado do gabinete mediúnico, dentro de uma vasilha cheia de água, estava a peça de parafina apresentando duas mãos, de tamanho desigual, entrelaçadas, uma das quais, como anunciára o José, apresentando um defeito físico. Esta era a lembrança anunciada pelo José, que os nossos irmãos argentinos vão levar para a sua pátria.

*Amadeu Santos.*

Rio, 28/12/1947.

## A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— V —

— ... porém a pedra que tinha dado na estátua tornou-se um grande monte que encheu toda a terra.» (Dan. II/35).

Mas, o que nos diz a profecia em relação ao futuro, que para uns se apresenta sombrio e ameaçador, ao contrário que para outros vem rutilante de esperanças?

— «No tempo porém daqueles reinos suscitará o Deus do céu um reino que não será jamais destruído».

A profecia nos fala ainda de um

quinto reino universal, que não será, evidentemente de natureza humana, porque será estabelecido por Deus. Este será o reino de Deus. Mas, como se estabelecerá este reino?

— «Esmigalhará e aniquilará todos estes reinos, e êle subsistirá para sempre».

Esse reino, segundo ainda a profecia, teria que se estabelecer sobre as ruínas e escombros dos poderes terrenos, e seria o reino que havia de trazer dias melhores para o mundo.

Mistér se faria, pois, derrubar com todos os governos ou reinos atuais. E de que maneira devia terminar todos os reinos da atualidade, para dar lugar ao reino que se estabelecerá pela vontade de Deus?

— «Segundo o que viste — disse a profecia — que uma pedra foi arrancada do monte sem intervir mão (de nenhum homem), e esmigalhou o barro, e o ferro, e a prata, e o ouro...»

Onde o simbolismo da pedra que foi arrancada do monte? Não pode ser outra senão aquela que assinalará o fim de uma época de iniqüidades, de maldades, de êrros seculares, dando fim a todos os reinos dêste mundo, para dar lugar ao reino de Deus, com a realização da grande esperança de um mundo cristão, o qual trará melhores dias para êste mundo, dias de paz, de tranquilidade, de harmonia e de bôa vontade entre as criaturas, quando, então, o homem deixará de ser o lobo do ho-

mem; quando, então, reinará somente o Império do Espírito da Verdade. Êste reino será eterno e durará para sempre!

Deus estabelecerá, portanto, um reino que trará geral satisfação a todos, pois êle mesmo o afirmou por intermédio de seu filho, quando aqui esteve:—«Não temais, ó pequenino rebanho, porque foi do agrado do Pai dar-vos o (seu) reino». (Lucas, XII-32).

Até que venha o dia, até que chegue o reino de Deus, até que a estrela da manhã brilhe em todos os corações, os homens terão que conhecer dias maus, tempos perigosos. Grande será a confusão nos espíritos, a insofreguidão será o constante estado das almas. Uma grande ansiedade empolgará as criaturas, e sentir-se-ão como vivendo num grande vácuo, sem saber que algo indefinível é êsse que lhes falte, até mesmo quando tudo lhes sobra.

(Continua).

## © Livros e Autores ©

LEOPOLDO

MACHADO

SINAIS DOS TEMPOS — *Anibal Vaz de Melo*, Belo Horizonte

Em 1919 e em 1945, quando o mundo soube que havia terminado a primeira e a segunda guerra universal, que tanto angustiaram a humanidade — guerras que aqui chamamos de 1.º e 2.º ais apocalípticos — todo o mundo se agitou em alegrias incontidas, porque feitas de promessas e esperanças de melhores dias, de destino melhor.

Entretanto, o destino humano não melhorou e os dias aí estão correndo inseguros, tumultuários, tristes.

E' que esá faltando o 3.º ai apocalíptico.

E' que estamos vivendo um período de transição dolorosa, uma éra de desagregação geral. «A E'ra do Aquário», para que, então, das cinzas de um mundo falido e em ruínas, surja, talvez, aquê-le mundo predito pelo Cristo, em que os mansos e pacíficos possuirão a Terra...

Fim e princípio preditos, claramente, no Evangelho.

Da desagregação da época atual, surgirá a agregação da civilização do futuro, mais humana, porque espiritualista e cristã de verdade.

De tal maneira se desagrega a civilização, os costumes, as artes e as ciências, o mundo e a vida, na hora que passa, que até o que é indivisível, o que era desagregável — o átomo — também se desagregou. E sua desagregação produziu a bomba atômica, numa prova de que a toda desagregação precedem lutas, destruições, horrores...

Nós mesmo andámos a pensar que não teríamos mais guerras, depois da última guerra, incontestavelmente o acontecimento que se enquadrou, direitinho, na letra das escrituras, do Apocalipse, por seu caráter universal.

E chegamos a escrever, argumentando-o, no *Cruzada do Espiritismo de Vivos*.

Ter-nos-íamos enganado, será?

A verdade é que vivemos horas angustiosas, de incertezas, de dificuldades, de subversões, de desagregações.

Grandes coisas, e pavorosas, estão para acontecer, ninguém que tenha olhos de ver e inteligência de compreender duvidará.

Tudo isto nos veio à mente, assim tivemos o espírito mergulhado nas páginas vivaces do SINAIS DOS TEMPOS, outro livro extraordinário de Anibal Vaz de Melo.

É livro que se tem vontade de ler de uma assentada.

É tumultuário, estonteante, nevrótico.

Bem mais digno de seu irmão mais velho: *A Era do Aquário*.

Livro que nos dá a impressão nítida de que seu autor consultou todos os astrólogos e pitonizas, as Escrituras e os astros; de que conversou com os Espíritos e os deuses e esmerilhou todas as ideologias político-econômico-sociais. Astronomia e astrologia, Velho e Novo Testamento, Espiritismo e Teosofia, Catolicismo e Protestantismo, Sociologia e Biologia, Fascismo e Comunismo, ciências, filosofias e artes, tudo foi bem esmerilhado como temperos preciosos para o succulento manjar, que é SINAIS DOS TEMPOS.

Espírito forrado de sólida cultura e de um poder de análise e de deduções excepcional, Anibal Vaz de Melo dá-nos a impressão de alguém que ama a Vida e a Terra pelo que a Terra e a Vida têm de grandioso e superior, que não por suas futilidades, que vão fazendo, aliás, os motivos fortes de sua opulência e glória.

*Sinais dos Tempos*, se previne aqueles que têm inteligência de compreender e coração de sentir contra dias amaríssimos que aí vêm, pertinho, pertinho, abre perspectivas de éras magníficas porque de justiça e verdade alicerçadas no Cristianismo puro.

Destacar partes e capítulos? Matéria e argumento?

Como, se todo o volume dá-nos a impressão de um só bloco granítico, indivisível, como era o átomo antigamente.

SINAL DOS TEMPOS está na pauta do maior livro do ano, por sua originalidade, por seu poder de análise, por sua oportunidade.

Se o leitor duvidar, corra à primeira livraria e obtenha-o, sem regatear prê-

ço. É veraz, à distância, que o volume se destaca dos demais, pela bizarria de sua capa: cinco símbolos de doutrinas e interpretações diversas. O mesmo destaque encontrará no texto, na verdade diferente de tudo que por aí vai... até tratando de coisas iguais.

Somos duplamente reconhecido ao autor: pela citação, aliás, abundante, que faz de pálidas interpretações nossas de coisas do Apocalipse e pelo volume que nos coube com honrosa dedicatória.

—  
QUE FIZESTE DE TUA PEREGRINAÇÃO? — *Antonio D'Angelo Neto*, S. Paulo

O volume data de 1943.

Mas, é novo para nós, que o não conhecíamos, a despeito de estarmos, também, metido nêle, com duas versalhadas que falaram à sensibilidade poética de seu generoso autor.

Ofereceu-no-lo o autor em S. Paulo, na *Liga Espírita*, depois de nossa palestra com os moços espíritas, a propósito do 1.º Congresso de Mocidades Espíritas. E, passando-o às nossas mãos, salientou, para nossa vaidade, que nos encontrara mais jovem, depois de oito anos. Contacto, naturalmente, com os moços contagia velhos de mocidade. Êste, evidentemente, nosso caso.

O livro é uma série de escritos, do autor e de outros, todos dignos de meditação e aprêço, menos por modéstia nossa, as duas versalhadas. E são 15 capítulos diferentes.

A oferenda, um mimo, que quasi nos matou de inveja: quatro carinhas de seus quatro presentes do Céu — seus filhos — a quem dedica a obra!

Só peia dedicatória, o livro valeria ouro.

Mas, a par da oferenda, o volume transmite-nos impressões e sensações agradáveis, através de sua leitura sempre interessante e proveitosa.

E, sôbre tudo, uma bela lição afim de que todos nós saibamos tirar proveito de nossa peregrinação terrena, que outra coisa não é a nossa existência carnal, um simples acidente na vida de nosso espírito. E ser-nos-á penoso, penosíssimo, quando transpusermos os umbrais da Outra Vida, ouvirmos de quem possui autoridade para a pergunta: «Que fizeste de tua peregrinação?»

AFINAL, QUEM SOMOS! 2.<sup>a</sup> edição,  
Pedro Granja, S. Paulo

E' o grande livro de Pedro Granja, em 2.<sup>a</sup> edição, que nos enviou com maior gentileza ainda. E' que, da outra vez, ainda não nos conhecíamos. E, em nossa última viagem a S. Paulo, Pedro Granja foi dos companheiros mais constante e dedicado. Afinamo-nos bem. Para nós, o autor, visto à distância, não superou o confrade visto de perto. E, parece-nos que o crítico da primeira edição não decepcionou, pessoalmente, o escritor. Um grande confôrto para nós ambos.

A 2.<sup>a</sup> edição, bem impressa e bem encadernada, terá, naturalmente, a mesma difusão que teve a 1.<sup>a</sup> edição. Porque? A obra é, evidentemente, um desses livros que marcam época. E o autor é, inegavelmente, escritor. Lemos, agora mesmo, isto, a propósito: «A meu ver, tem acontecido com o espiritismo um fenômeno de ordem literária que o tem prejudicado em certo sentido. Tem acontecido que seus teóricos (que diríamos expositores) são maus escritores, não possuem o segredo da arte literária, etc. etc. E. Cavalleiro, *Folha da Manhã*».

De pleno acôrdo com o observador. E' preciso que se escreva na Terra como pertencendo, ainda, à Terra. Êste, o segredo de Pedro Granja, que levou, com o seu bonito estílo literário, aquêle crítico a escrever o que aí está.

OPÚSCULO DA JUVENTUDE ESPÍRITA,  
de Florianopolis

Recebemos três opúsculos comemorativos do 1.<sup>o</sup> aniversário de fundação da J. E. F. Dois, que no-los enviou Jobel Cardoso e um, os editores do opúsculo, Aldo Nunes e Ari Kardec de Melo.

Lemos o exemplar com que ficamos, passando dois adiante, porque, atualmente, se ha assunto que nos interessa profundamente, é o que se refere a mocidades espíritas, a trabalho de jovens espíritas.

E a impressão, que nos deixou sua leitura, é a melhor possível, porque a impressão de moços inteligentes e de ação,

que desejam trabalhar mais e produzir melhor.

Nossos parabens, portanto. E que Deus os assista para tanto, que «digno é o operário de seu salário».

E obrigado aos três ilustres confrades, que se lembraram de nós, e do pouco que temos feito a pró da organização de moços espíritas, em face do muito que poderíamos fazer...

CIENTISMO E ESPIRITISMO — «*Estudos Psíquicos*», Editora, Lisbôa

Crítico de nós mesmos?

De modo algum. Mas, impressões ligeiras do que, no volume, não é obra do autor: sua impressão gráfica e o prefácio.

*Estudos Psíquicos*, que é incontestavelmente, a melhor revista espírita que temos, está se firmando, também, como editora. No livro em aprêço, sinão quanto ao «miolo», que não temos autoridade para julgá-lo, na sua apresentação gráfica.

Trata-se, realmente, de um trabalho gráfico que honraria qualquer editora, embora se trate de obra em brochura.

E o prefácio?

O ilustre confrade de Portugal nos via a distância.

E, por ver-nos a distância, julga-nos generosamente, esquecido de que os homens são como as montanhas: enganam sempre vistos de longe.

Se nos conhecesse de perto, e olhasse para os lados, contrariando uma veralhada a propósito de nosso ILUMINAÇÃO, talvez não passassemos aos seus olhos de falso apóstolo, de vaidosão, de personalista sem personalidade.

Ainda que outros méritos faltem a CIENTISMO E ESPIRITISMO, não lhe faltará o mérito de uma apresentação gráfica superior, de um prefácio ultra generoso, que póde, até, despejar galões de gasolina na fogueira da vaidade e do personalismo do autor e na sua finalidade, pois sua colocação, como todos os livros do autor beneficia a manutenção do LAR DE JESUS.

---

*Ha muitos males que poderiam ser evitados se os homens não dessem tanto valor ao seu nome, o que não deixa de ser fruto do orgulho. Trabalhai com humildade pela Doutrina que, quanto mais crescer, mais com ela crescereis. — LUCIPAZ.*

# Salvou-os da Morte o poder da fé

«No mundo há um grande sol que tudo alumia;—é a Fé; há uma grande tréva que tudo obscurece: é a ignorância.

Há quem diga que a fé cega.

Eu digo que ela dá vista.

Quem põe fé em conseguir alguma cousa, acende uma luz que lhe alumia os passos para chegar ao fim do seu desejo».

Padre Antonio Vieira (1)

E disse bem esse ilustre espírito, gigante inflamado da palavra evangélica.

Supomos que ninguém melhor do que êle fôra tão feliz, quando, na extensão profunda do seu saber, definiu o poder da fé cristã, comparando-a ao «Sol que tudo alumia». A sua palavra vibrante e arrebatadora tinha o poder mágico de converter as almas para a fé do cristianismo redentor. Ele era a fé personificada. E o Cristo de Deus vai mais longe e diz: «Se tiveres fé como um grão de mostarda, removerás montanhas».

Raros, raríssimos são os casos da prova de fé cristã, posto que muita gente confunde os fatos de *sugestão* com o poder divino da fé.

A fé é uma virtude que redime; a *sugestão* é uma idéia provocada numa pessoa em estado de hipnose.

E que diremos do inocente, si é que assim se pôde qualificá-lo, quando na sua ignorância, confunde a *sugestão* com a fé?

E' um contraste, beirando um crime!

A fé, ainda que não bem compreendida sôbre a terra, atravessa e alcança, no infinito, quasi que o *impossível!*

O caso, que abaixo narramos, é um dos que assim se pode considerar, ocorrido no primeiro dia de carnaval, domingo, 8 de fevereiro do ano em curso.

Um velho amigo do nosso companheiro Antonio Guerra Peixe, o sr.

Elson Fontes, residente em Aracajú, Estado de Sergipe, em longa carta descritiva, expõe minuciosamente como conseguiu, pela fé, salvar-se da morte.

O snr. Fontes é espírita e por isso mesmo não é apreciador das folias carnavalescas, originárias do antigo paganismo romano ou gaulez, como não o são todos os homens que pensam por um prisma de sensatez. Achou êle de bom alvitre rumar para uma praia de banho, em companhia de sua esposa, filha, e outras pessoas de suas amizades, afim de passar os três dias menos aborrecidos. Mas, naquela mesma tarde, após algumas horas de esparecimento, decidem-se e lançam-se na água. No mesmo instante, foram todos envolvidos por uma forte onda que os levou para bem distante da praia.

O snr. Fontes era o único que sabia nadar, muito mal, dentre as pessoas de sua companhia, mas tentou, mesmo assim, empregar todo o esforço que um ser humano pode expender para o seu salvamento.

Esmorecendo ante a impossibilidade de alcançar a praia, sente que seu corpo, pouco a pouco, vai cedendo às águas. De olhos fixos para o alto, contemplando o azul do firmamento e vendo que estava à beira da morte, lembrou-se logo dos seus filhos.

Neste trágico momento, acóde-lhe, na mente, a existência de Deus e ouve, partindo das ondas, uma voz que lhe dizia: — «Não desanime, se esmoreceres será um suicídio!»

Num esforço inaudito estende, de um lance, sôbre as águas, os braços à procura de algo que lhe pudesse servir de âncora de salvamento; porém tudo é baldado e a última esperança vai se apagando, como o sol desaparece no ocidente, sentindo-se próximo a sucumbir, tragado pelas ondas que o envolviam numa luta de morte.

No momento em que sentia-se

morrer, a sua alma apela suplicando, com todas as forças indescritíveis da *fé inabalável*, para a Divina Providência, no firme propósito de ser salvo juntamente com as outras criaturas, que se encontravam em idênticas condições.

Num gesto inexplicável flutua extranhamente sobre as águas, retoma as forças à guisa de um gigante e transforma-se num grande herói: — *Vence as águas e sente, sob seus pés, o tóque firme da terra.* Estava salvo! Respira momentaneamente e clama: «*Socorro! Socorro!*»

— Esta voz fez-se ouvir distante e, de súbito, surgem várias pessoas na praia, juntamente com um providencial canoeiro, que, remando contra a maré e outros obstáculos, chegou ainda, a tempo de alcançar as

três vítimas, que se encontravam distanciadas uma das outras, já sem ação para resistirem por mais tempo.

Salvas, entreolham-se surpresas, não compreendendo como puderam se manter equilibradas, na superfície da água.

Não encarecemos, aqui, as formas da narração mas, ao contrário, apenas colecionamos os detalhes componentes do facto, que representam a realização do extraordinário acontecimento.

SPÁRTACO BANAL.

Petrópolis, 5 de junho de 1948

(1) Vide «Do paiz da luz» de Fernando de Lacerda, pag. n.º 184 — volume 3.º

## ✦ Espiritismo e Psiquiatria ✦

Lida na Hora Espiritualista em 8/8/1948 — *João Augusto Tôres Bandeira.*

Da S. M. E. R. J.

**A** natureza conserva as formas primitivas ao lado das que evoluíram. É por isto que ainda hoje vemos as algas donde partiram as formas vegetais que se apresentam com aspecto gigante como o jequitibá e o carvalho. Ainda hoje estão vivos os protozoários donde partiram, progredindo sempre, as espécies animais que chegaram a ser boi, cavalo, cão, macaco ou homem. Ainda hoje encontramos a côr preta do homem africano donde saú o amarelo e o branco. Ainda hoje encontramos, ao lado das mais altas expressões do pensamento, as credices e superstições das raças primitivas, ignorantes e atrasadas. O trabalho da civilização e da evolução é lento. As mutações são muito espaçadas. Na medicina houve mutações importantes visando extinguir as concepções erradas e implantar outras certas. Hipócrates encontrou a medicina eivada de superstições. Os médicos que o antecederam acreditavam em magia, astrologia, adivinhações, sortilégios, quiromância e possessão demoníaca. Ensinavam que uma pessoa ficava louca porque um demônio se apossava de seu corpo, expulsando

sua alma para ocupar o lugar da mesma. No século XII Constantino Psellus publicou um livro intitulado «Tratado sobre os Demônios». Nesta obra Psellus ensinava que os demônios eram frios e orgulhosos e, por isto, deviam ser expulsos por processos humilhantes e quentes. A humilhação consistia em xingar o louco, em cobrir o louco de coisas fedorentas e podres. A quentura era a fogueira. Milhares de loucos morreram queimados, embora Hipócrates houvesse alertado os homens contra os êrros da teoria demoníaca. Esta teoria durou até a Revolução Francêsa. Durante esta, o dr. Felipe Pinel, um grande benfeitor da Humanidade, obteve uma lei do Estado, que outros países também adotaram, proibindo alojar loucos em cubículos sem luz e sem ar, em jaulas, em pocilgas, em estrebarias. Até aquela época os loucos eram exibidos em praça pública, nus, acorrentados, chicoteados, espancados, como animais, para divertimento da população. Um dos quadros mais emocionantes da pintura moderna é o que representa Felipe Pinel retirando as correntes dos pés de um alienado. Apesar das reformas nas concepções

sôbre a loucura, o pensamento primitivo a respeito da mesma ainda perdura em muitas pessoas. Tenho ouvido muitos cristãos afirmarem que **TODOS OS CASOS DE LOUCURA SÃO PRODUZIDOS POR INFLUÊNCIA DE MAUS ESPÍRITOS**. Tenho esclarecido estas pessoas dizendo-lhes que há 14 espécies de loucura bem estudadas pela ciência e que cada um de nós possui um anjo de guarda, conforme o espiritismo provou. Êste anjo não é negligente e não permite que um espírito perverso faça mal a um homem incarnado. Alguns loucos percebem as vibrações de pessoas vivas ou de pessoas mortas. Como não têm educação espiritualista ficam mais angustiados ainda dando a aparência de que estão com encosto ou que são possessos. William Crookes, o grande espírito e sábio inglês, ao fim de sua vida, aconselhou os kardecistas a estudarem a fundo as vibrações, isto é — as diferentes ondas eletro-magnéticas que cada um de nós emite e recebe consciente ou inconscientemente. O estado de alma decorrente dessas percepções recebeu o nome de obsessões externas. Há as obsessões internas, isto é—aqueles casos em que Kardec ensinou nas **OBRAS PÓSTUMAS** que o homem pôde ser obsessivo de si mesmo. Os casos de obsessões são perfeitamente curados tanto nos sanatórios espíritas, como no do dr. Inácio Ferreira, como nos hospitais psiquiátricos e mesmo na clínica domiciliar. Já as doenças mentais são de cura mais difícil. Modernamente foram introduzidos em terapêutica psiquiátrica o eletro-choque, o choque insulínico, a piretoterapia, a inoculação de malária, a psicanálise e a psicoterapia.

Todos êstes processos têm dado resultados magníficos nos casos indicados, pois cada doente mental exige um processo próprio de cura. Os passes magnéticos se mostraram inúteis e até prejudi-

ciais na cura dos psicopatas. Temos que aplicar o que a ciência experimental sanciona e indica. Como espíritas, devemos fazer severa crítica e mesmo repudiar toda teoria que se pareça com a teoria demoníaca de triste memória. O kardecismo puro é um código de moral e, portanto, de conduta. Devemos educar nossos irmãos no sentido de não acreditarem em idéias supersticiosas. A pessoa mais desgraçada do mundo é aquela que vive a pensar que está a mercê dos maus espíritos, da posição dos astros, da situação das linhas de suas mãos, do canto das aves, da farofa amarela das encruzilhadas, de toda esta prática nefanda do homem primitivo que, para vergonha nossa, ainda se conserva em nossos dias. Ninguém, nem padre nem médium, nem médico nem curandeiro, tem o poder de nos reconciliar com a Divindade. Nós mesmos é que nos reconciliamos diretamente com ela. Deus não pune nem castiga: Deus traçou leis para tudo. Nós é que nos castigamos se nos julgamos desgraçados, se nos julgamos perseguidos, se nos julgamos sob a ação de trabalhos de magia. Sejam como Daví. Imitemos, em nossas aflições, o grande salmista dizendo: «Deus é nosso escudo. Deus é nossa fortaleza. Não temos que temer ninguém. Saul enlouqueceu porque perdeu a fé e o respeito que devia ao Senhor. Daví triunfou porque nunca perdeu sua fé e em toda parte se portava como se estivesse na presença de Deus. Façamos como êle e não temamos loucura nem obsessão, nem despacho, nem magia negra, nem canto de ave agourenta, nem baralho de cartomante, nem posição de astros nem nada que lembre uma época de atraso, de superstição, de ignorância, de crueldade. Deus e só Deus seja o nosso guia. Jesus e só Jesus seja o nosso intermediário. Os bons espíritos e só êles os nossos amigos.



## TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

*Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :*

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

# Crônica Estrangeira

## Rosas e Espinhos...

Por Frederico Duarte — Manchester, Inglaterra

Tenho recebido nêstes últimos tempos várias cartas de diversas partes relacionando-se com os meus escritos nesta Revista, e que infelizmente não me é possível responder a todas elas.

Nesse número contam-se duas muito interessantes das quais dou a seguir uns extratos:—

Da autoria dum figurão que eu conheci em tempo de estudante em Portugal e a quem não vejo ou me correspondi com êle vai para mais de trinta anos, eis o que me diz:—

— «Ora tu que abandonaste a pátria há mais de 30 anos e sei que não tens meios de fortuna e tens por conseguinte que trabalhar bastante para angariar o pão nosso de cada dia, como diabo consegues o tempo para escreveres tolices, criancices e patranhas que não estão em harmonia com a educação que recebeste aqui e da Santa Religião que te ensinaram os teus pais? »

O autor é positivamente um frade, ou um sacristão, ou talvez daqueles devotos que raras vezes entram numa igreja, e assim o meu comentário ao seu desabafo é de... mandá-lo à missa!

Um cavalheiro de Matozinhos, completamente desconhecido para mim, diz-me o seguinte:

— «E' com o mais íntimo prazer espiritual que leio sempre as suas crônicas que nos revelam experiências interessantíssimas e cheias da mais bela objetividade.

Desculpe-me pois que, atraído pelos seus belos artigos venha hoje tomar-lhe alguns minutos do seu precioso tempo.

Apesar da minha profunda crença espírita, nascida apenas das muitas leituras sobre o assunto e não pela verificação de fenômenos, ha três anos que vivo mergulhado, eu e minha mulher, na mais pungente dôr pela morte de um filhinho estremecido, o único, de 10 anos de idade, e que, como deve calcular, era todo o nosso enlevo. O distinto confrade também sofreu igual golpe, com a perda do

seu adorado filho, na guerra. Essa dôr deve ter sido bem maior do que a nossa, porque êle foi vítima inocente da sanha dos homens, e desincarnou longe dos carinhos dos seus! Mas como, em contrapartida se não deve sentir confortado e feliz por Deus lhe ter consentido essa rara felicidade de o ver e falar! Que grande lenitivo eu também não sentiria se tal me sucedesse!» —

Sendo eu desde há muitos anos um estudante assíduo sobre os fenômenos psíquicos, devo confessar ao autor desta carta que não me estranhou absolutamente nada ter-me escrito!

Não foi por uma mera coincidência lhe afirmo isso, mas sim «inspirado» a fazê-lo!

O seu querido filhinho está ancioso por comunicar consigo e a sua querida mãezinha, mas mocinho ainda e inexperiente não se viu até hoje com os conhecimentos suficientes para poder fazê-lo!

Comuniquei com o meu Gabriel o qual me disse: O papá com a sua experiência não precisa que nós aquí lhe digamos o que tem a fazer...

Pois bem:

Aconselho a esse confrade a reunir em sua casa regularmente, ou seja, uma vez por semana, a uma determinada hora e noite, umas 5 ou 7 pessoas íntimas amigas de sua absoluta confiança. Duração dessas reuniões a ser entre o máximo de duas horas.

Coloquem no centro da sala uma trombeta e reunam-se completamente às escuras. Rezem e cantem hinos ou canções de vez em quando. Estejam todos de «bom humor» e nada anciosos. Aguardem os acontecimentos. Faça o amigo um relatório no final da sessão. Estou certo que (quem sabe?) antes do Natal, serão recompensados.

Esta manhã recebi o número 3156 datado em 21 de Maio de 1948, de Two Worlds, e... será uma coincidência? Vou traduzir-lhes um parágrafo publicado na coluna quarta da página 168.

— «Resultados dum «Home Circle».

O senhor E. H. Haywood, e a sua esposa, residentes em Guiseley, Yorkshire, organizaram com três pessoas amigas um



«Home Circle» uns tempos atrás. Nenhum dêles era «médiun», mas depois de se terem desenvolvido, os resultados colhidos teem sido notáveis, e as mensagens espíritas recebidas são agora muito comuns. Entre essas mensagens recebidas a morte de Gandhi foi-lhes mencionada três semanas antes de ter ocorrido. A esposa do senhor Haywood sofria muito de surdez por muitos anos, mas os espíritos amigos curaram-na na sua própria casa, e agora póde ouvir mesmo muito bem o tic-tac dum relógio-pulseira».

Ora o que succedeu com a família Haywood, póde muito bem acontecer com outros, contanto que, e isto é importante, sejam todos honestos, crentes, sentando-se regularmente na mesma hora e dia.

Escrevi diretamente ao confrade de Matozinhos e não me admirarei nada se daqui a poucas semanas êle comunique comigo novamente sem derramar lágrimas de dôr!



## Quem tocou a campainha?

De «Estudos Psíquicos»

Frank Speaight publicou no semanário *The Two Worlds*, de Manchester, um artigo muito curioso em que narra o caso duma enfermeira que tratou a irmã do articulista durante certa doença e cujo interêsse já espicaçou a curiosidade doultras publicações. Vamos transcrever o artigo, embora se trate de fenómeno semelhante ao que expusemos no último número, ao noticiar a desencarnação do Reverendo Charles Tweedale.

Eis o que disse a enfermeira:

Há cêrca de alguns anos, tratava eu duma senhora que se encontrava em estado melindrosíssimo e cujo marido estava de tal maneira apavorado, que até se recusava a entrar no compartimento de sua esposa, embora esta lhe pedisse constantemente que a não abandonasse.

O pobre marido andava horrorizado. Convenci-o a entrar, mas poucos segundos se manteve junto ao leito. Logo que a mulher abriu a bôca para articular uma palavra, êle gritou como qualquer animal cheio de terror:

— Não o posso suportar! Não o posso suportar!...

E largou a fugir, como doido.

A doente faleceu. Fiz o que me competia e desci para o andar de baixo. O marido tinha fugido de casa e eu fiquei só. Quando me dispunha a ler uma revista, ouço tocar a campainha elétrica. Não há dúvida de que me atemorizei um pouco, talvez por estar sózinha, mas sempre me dispús a abrir a porta. A campainha deixou de tocar e eu fechei a porta. Devia ter sido ilusão — pensei. Mas, apenas me sentei, a campainha voltou a tocar. Cheguei à porta e... nada. A campainha interrompera o toque. Fechei a porta. Mal me havia sentado, eis que o toque recomeça. Nesta altura tive mêdo. Fui à porta da rua e não vi ninguém. Dispunha-me a regressar ao sítio onde me sentára, quando a campainha tocou novamente.

Dirigi-me à casa do vizinho. Con-tei-lhe tudo e êle veio comigo. Logo que fechou a porta da casa, soou a campainha.

— Venha — disse êle. — Vejamos o número do quarto indicado no registrador. Fomos ver.

— Meu Deus! exclamou o homem, assustado. — E' o quarto da morta!

Pensei então que a enfêrma não falecera e que talvez estivesse a pedir socôrro. Apesar de enfermeira, confesso que me senti completamente amedrontada.

Dirigimo-nos ao andar de cima e entrámos no quarto. Tudo estava nos seus lugares. O silêncio era absoluto. Descobri o rosto da doente. Não havia dúvida. Estava morta e bem morta.

Abandonámos o aposento nas pontas dos pés e fomos para a sala, onde primeiro ouvi tocar.

Ainda não tínhamos fechado a porta, quando ouvimos outra vez a campainha.

— Isto é extraordinário! — bradou o vizinho — Mas eu já acabo com isto!

Num instante chegou à cozinha, pegou num canivete e cortou os fios que ligavam a campainha à caixa registradora.

E voltámos à sala, com ares triunfantes, como quem diz: — Vamos ver agora!...

Mal a porta caíu no trinco, a campainha começa a tocar.

Corremos à caixa registradora. Lá estava o número do quarto da morta. A campainha vibrou, apesar de termos cortado os fios!...

Fugimos dali, apavoradas, e fomos para a casa do vizinho. Quando de lá saí, ainda o marido não tinha voltado.

Estaria o espírito da pobre mulher a insistir, no intuito de transmitir alguma coisa de importante ao marido aterrorizado? ...



## Facto Misterioso

«Constancia»

Refere Ed. Bodin que o Dr. J. Roberts, médico, ainda conserva um telegrama que lhe recorda o mais estranho episódio que se possa imaginar. Há poucos anos, de regresso ao seu consultório

e depois de ter visitado seus pacientes, encontrou em seu consultório, um telegrama que dizia: «Venha imediatamente. Mary». Mary, sua irmã, morava com sua mãe em New Jersey. Não possuíam telefone. O Dr. Roberts tomou seu automovel e duas horas depois chegava a casa de campo de sua mãe, que se achava enferma. Sua irmã chamara um médico da cidade próxima, que ainda não havia chegado. O Dr. Roberts chegou exatamente a tempo para salvar a vida de sua progenitora. Quando, horas depois, contou a história do telegrama à irmã, esta não lhe ocultou sua surpresa. Não lhe mandara telegrama algum. O facultativo tirou do bolso o despacho que a ela mostrou, e ficou absorto ao constatar que estava em branco.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Notícias diversas

### 2.a Semana Espírita de Pirapetinga — Estado de Minas Gerais

De 12 a 19 de Setembro último, realizou-se na cidade acima, mais uma semana de trabalhos pró-difusão das luzes da 3.a Revelação. Estiveram presentes a essa solenidade, representantes dos Estados do Rio, Minas e São Paulo, sendo digno de destaque, o entusiasmo fraterno de espíritas e crentes de outras igrejas que não regatearam aplausos aos trabalhos.

Além dos diretores dos Centros Espíritas «Escrava do Senhor» e «Amor e Caridade» e elementos de valor, é justo que apresentemos os nomes mais em evidência no Espiritismo local a saber: Snras. Geny Tempanra, D. Aracy Velloso, D. Maria Coimbra de Oliveira, D. Lili, D. Maria de Lourdes e as jovens Dirce, Déa, Esmeralda, Dercilia, Dulce, Dasi, Ana Maria, Glória Leite e outras mais que deram expressão viva de quanto podem e devem os jovens trabalhar no momento, colaborando com os menos jovens, para mais rápida propagação dos ideais do Cristo de Deus.

A Semana teve os seguintes visitantes de Três Rios, Barra do Piraí, São Pedro, Cataguazes, Altolfo Dutra, Leopoldi-

na, São Paulo e Muriaé: Sebastião Lagneau, Acyr Faria, Joser Lacerda, Lenine B. Junqueira Passos, D. Anita de Oliveira, Manoel Martins, Arthur de Oliveira, Geni Braga Pacheco, Souza Lima, Norival Figueira e mais uma dezena de caravaneiros das Juventudes das cidades mencionadas. O que de mais atualidade notamos na Semana, foi a visita aos terrenos onde será levantado em breve o Pavilhão Paulo e Estevão, que acolherá crianças desamparadas e velhos e a visita e inauguração, na localidade de S. Pedro de Alcantara, do Centro Espírita Simão Pedro. Digno também de nota, é a cooperação da família de D. Dina e seus filhos, Osenclever e Ozeni, elementos da Mocidade local.

A Livraria Allan Kardec, a «Revista Internacional de Espiritismo» e também «Estudos Psicicos» de Lisboa—Portugal, fizeram-se representar pelo irmão que redigiu esta nota.

Aos queridos irmãos de Pirapetinga, nossos votos de Paz em Cristo e de progressos espirituais.

### Notícias do Rio

De volta das Alterósas, fui convidado para assistir na Tenda de Pedro, na noite de 20 de Setembro p.p., a uma reunião. Como homenagem a dois diretores

que aniversariavam nesse dia, os irmãos Manoel Domingues Teixeira e Alvaro Andrade, a Mocidade Espírita «Apóstolo Pedro» ofereceu aos mesmos, flôres e palavras de conforto moral, ouvindo-se ainda, os Representantes do Conselho Consultivo das Mocidades Espíritas do Brasil, jornalista Olivio Novaes e o jovem entusiasta, Orlando Sobreira, valor da nova geração espírita do país. Em seguida, falaram também Olimpio da Silva Campos, de Niterói, Homero da Silva, Diretor do Abrigo Seára dos Pobres e Vicente S. Neto, Conselheiro da UMESP, de S. Paulo. As saudações trocadas deram alegria à numerosa assistência que lotava a Tenda Espírita da Rua Senador Alencar, 197 e, no final da reunião, os presentes, no meio da mais intensa vibração espiritual, retiravam-se satisfeitos por tão inesquecíveis horas, doadas por acréscimo aos que lá estiveram.

Fizeram-se representar a Livraria Allan Kardec, de S. Paulo e Revista Internacional do Espiritismo.

### Asilo Anjo Gabriel, S. Paulo

Comemorando o seu 34.º aniversário de existência, este Asilo realizou na tarde de 7 de Setembro p.p. à Rua Cons. Moreira de Barros 497, uma festiva reunião dos cooperadores e internados, com a participação de inúmeros convidados que percorreram todas as instalações majestosas dessa casa de trabalhos, sempre cercados do mais fraterno carinho dos seus dirigentes que não pouparam esforços em facilitar aos interessados a oportunidade de verificarem «in loco», o que se tem feito para centenas de crianças que ha quasi meio século vêm recebendo dentro das possibilidades financeiras e espirituais da instituição, uma educação digna para poderem ingressar no seio da sociedade.

A Livraria Allan Kardec, Editora, a «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», fizeram-se representar nessa festa pelo jovem Arlindo S. Neto.

Aos dignos Diretores do citado estabelecimento educativo, apresentamos votos de paz e progresso espiritual.

*Vicente S. Neto.*

## In Memoriam Redigere

No dia 27 de Agosto último, sexta-feira, em Campos de Jordão, com os pulmões minados pelos bacilos de Koch desincarnou a jovem Ana Maria, integrante da Mocidade Espírita «Aurelio Fernandes», da formosa cidade do litoral fluminense, denominada Macaé.

Espírito velho em corpo tenro, a inesquecível Ana Maria era bem uma paladina do bem e da verdade. Ninguém que, pela primeira vez, privasse com a ardorosa espiritista podia jamais olvidá-la.

O seu maior ideal na vida era educar, dedicar-se de alma e coração em favor do esclarecimento alheio, mormente das crianças. Quando assomava às tribunas espíritas, o fazia com uma simplicidade e naturalidade cativantes. Sua voz era leve e macia e, porisso, persuasiva e penetrante. Por vezes, sua palavra tinha arroubos de eloquência, porém sem os pruridos de afetação, tão em evidência nos momentos que passam. Discorria com serenidade, e argumentava, sem exagêros, de maneira a convencer. Por isso mesmo seu verbo simples possuía o dom da atração e da exegese. Lembro-me de a ter visto no Grupo «Pedro», em Macaé, no Centro «Humildade e Caridade», em Juiz de Fôra e na Fundação Espírita «Abel Gomes», em Astolfo Dutra, sempre com o mesmo timbre sereno de voz, de maneiras sóbrias. Todavia, as teses que debatia tomavam um tal colorido que prendiam a atenção do ouvinte mais displicente. Na roda de seus amigos e admiradores, a cujo Grupo me ufano de haver pertencido, o rumo da sua conversação, versando sempre assuntos palpitantes, seguia pelos caminhos da elevação e da espiritualidade.

A sua grande paixão era a Doutrina dos Espíritos.

Sempre que podia divulgá-la, exultava de contentamento; fremia dum entusiasmo vitorioso quando tinha ensanchas de exemplificar a sua moral pura. A faceta Doutrinária que mais a seduzia era a religiosa.

Eis porque preferia, quando pregava, argumentar à luz do Evangelho.

Fôra filha dedicada e irmã extremosa. A molestia que acaba por lhe glorificar a vida, porque sempre a suportou com uma paciência angelical, foi resultante da virtude de sua abnegação fraternal. Sua irmã carnal vitimara-se da «peste

branca». Alguém deveria acompanhá-la ao Sanatório. O espírito de dedicação fraternal de Ana Maria deveria guindá-la ao martírio.

Contaminada pela tenaz molestia, Ana Maria não desesperara. Recebera a infausta notícia sem murmurações nem queixumes. Continuava pregando e exemplificando a salutar Doutrina, tanto quanto lhe permitiam suas fôrças físicas e psíquicas. Coração lanceado pela desventura, resistiu à impenitência de todas as agruras sem um pensamento de revolta, sem um gesto de desobediência, sem uma palavra de censura. O seu maior sonho, no mundo, era viver os restos dos seus dias á frente do Lar de Maria, em construção, em Macaé, dedicando-se inteiramente aos orfãos, aos pobrezinhos.

O rude golpe da sua moléstia incompatibilizara-a logo para o ministério a que desejara consagrar-se. E agora a sua desincarnação prematura, constituia o esfacelamento dessa aspiração. Mesmo na fase mais aguda de sua prova, Ana Maria nunca teve abatido o seu ânimo, nunca teve desvigorada a sua fé. Teve sempre a atitude de uma altruísta, a conduta de uma verdadeira cristã. Sofreu sempre com resignação e paciência.

Um dia, escrevia ao Prof. Pierre Ribeiro a dizer-lhe que Deus era infinitamente misericordioso porque, podendo dar-lhe um sofrimento muito maior, para resgate de suas culpas, dava-lhe apenas a tuberculose... Ela achava que ainda sofria pouco!

Na data de 28 de Agosto, sábado, o Grupo Espírita «André Luiz» realizava a sua sessão ordinária de Assistência Espiritual. No decorrer da reunião, um espírito fala por voz direta, meiga, carinhosamente, aos assistentes, desenvolvendo um tema evangélico de grande significação. Finda a peroração o espírito diz: «Para vocês, irmãos queridos do «André Luiz», o abraço afetuoso da Ana Maria». Ninguém ali sabia que a estremecida amiga havia partido para o plano da luz.

Ninguém ligara mesmo o nome à entidade comunicante. Alguns minutos após o incansável José Grosso, a pedido da assistência, identifica o espírito que acabara de comunicar-se, tendo para com êle as mais lisongeiras referências. Elucida, por fim, que desincarnara havia apenas 24 horas. Todos ficaram impressionados, mormente pela lucidez admirável demonstra-

da pelo devotado espírito recém-desencarnado.

Dia 4, ainda no «André Luiz», voltou a falar em voz direta, produzindo uma explanação doutrinária que comoveu e impressionou a todos. Como da vez anterior, terminou a sua oração declinando o seu nome. José Grosso incumbiu o presidente de transmitir um recado de Ana Maria ao Antonio Alves Ferreira: «Diga ao Ferreira que o sonho de Ana realizou-se. Ela já está dirigindo, da Espiritualidade, o «Lar de Maria».

Depois da sessão vieram os naturais comentários.

O médium que trabalhara nas duas referidas sessões, só a muito custo convencera-se da realidade do importante facto. Foi preciso que o Jacques Aboab, que decidira, há dias, visitar a saudosa irmã, exhibisse um documento, firmado por um médico, pelo qual lhe era permitida a visita ao Sanatório. Mas, em viagem, tivera notícia de que desincarnara, hora antes, a inesquecível Ana Maria. O Antenor de Souza, que aguardava em Cruzeiro, a passagem do Jacques para, juntos, seguirem até Campos de Jordão, de telegrama à mão, dava a notícia da desincarnação ao estimado correlegionário.

Só assim o médium se convenceu. E o médium era eu.

\* \* \*

Ana Maria! Sabes o quanto sempre te estimei e o quanto te estimo ainda. Eu estou solidário contigo como sempre o estive. Perdôa-me a incredulidade momentânea na realidade do singular facto que vieste ofertar para o já rico acêrvo fenomenológico do Espiritismo. Oxalá possas, dóravante, encontrar na aridez da minha pobre mediunidade o veículo do teu amor aos sofredores, aos desgraçados.

A tua vida é, para os que se albergaram no aconchêgo da tua amizade sem lindes, algo memorável que deve ser reverenciado. A memória dos teus feitos magníficos, de amor ao próximo na Terra, hão-de inspirar os amigos que cá deixaste para que se mirem no espelho do teu exemplo e sigam o caminho de virtudes que tu trilhaste. Até breve, Ana Maria!

*Amadeu Santos.*

Rio de Janeiro, 6 de Setembro de 1948.

## AO PÚBLICO

O Grupo Espírita «André Luiz» que tinha sua sede provisória á rua Moncorvo Filho, 27, sobrado, nesta Capital, e que tão relevantes serviços tem prestado à Doutrina, e á Humanidade, cumpre o doloroso dever de comunicar à família espírita, que está inibido de, presentemente, realizar suas reuniões, por falta de sede, visto que aquela em que funcionava acaba de sofrer o sinistro do fogo, que a destruiu parcialmente.

Os jornais diários noticiaram o facto, emoldurando-o com gratuitos detalhes de indole sensacionalista, tão do feitio de alguns órgãos da imprensa profana entre os quais o de afirmar que o Grupo «funcionava clandestinamente». Francamente, não podemos compreender como se possa inculcar dêsse modo um organismo que tem os seus estatutos registrados de conformidade com os preceitos legais e tem, consequentemente, personalidade jurídica.

Mas deixemos o facto em si para dar cumprimento ao nosso dever precípua, informando aos amigos do Grupo, espalhados em todo país, o que mais urge no momento, em face da situação criada pelo incêndio.

A Diretoria, no dia 12 p. passado, na casa de residência do tesoureiro, reuniu-se excepcionalmente, afim de tomar as providências urgentes que o caso requer as quais permitirão não soffra o Grupo solução de continuidade. Ficou resolvido o seguinte: a) — em caráter provisório e até que seja conseguida nova sede social, o G. E. A. L. fará suas sessões privativas (de efeitos físicos, instrução de médiuns e de diretoria) na residência do confrade Rodrigo Rodrigues de Oliveira e as públicas (de estudo e da Juventude «Abel Gomes») na sede da Liga Espírita do Brasil, á rua Uruguaiana, 141, sobr., gentilmente cedida pela sua diretoria, nos dias de quinta feira, das 19 ás 21 hs. b) — constituir uma comissão pró-construção de sua futura sede própria, constituída do seguintes confrades: Prof. Newton Barros, Jacques Aboab, Antonio Alves Ferreira, Drs. Amadeu Santos e Lauro Salles, Rodrigo Ro-

drigues de Oliveira, Ignacio Domingos da Silva, Galeno dos Santos e Afonso Pinto da Fonseca; c) — crear um Corpo de Legionárias, de número ilimitado para colaborar com a Comissão Pró-Construção, da qual já fazem parte as irmãs Maria Madalena de Oliveira, Emilia Povia Santos, Maria Jenée, Risoleta Vilar Viola, Adelia dos Santos, Lenice Teixeira Dias, Lais Teixeira Dias, Dulce Fatima Oliveira, Dulce Santos, Daise Jenée e Maria Alina Teixeira Dias; d) — promover a realização de um festival teatral sob os auspícios do seu Departamento Juvenil, dirigido pelas jovens Lais e Lenice Teixeira Dias, a beneficio da construção projetada; e) — levar a efeito um festival retumbante, cujo ingresso custará Cr. \$ 10,00, com direito à contemplação de valiosos premios entre os quais um Rádio, um Pic-up, um Corte de Casemira, uma Artística Colcha de crochê, um Relógio de Parede, um Despertador, etc.; f) — Estabelecer um «Livro de Ouro» destinado a registrar os donativos que porventura o G. E. A. L. venha a receber; g) — apelar para a sensibilidade da alma e do coração de todos os correligionários e simpatizantes do Espiritismo, no sentido de que cada qual concorra, na medida do possível, com um auxílio monetário, afim de que o Grupo consiga a sua sede própria e não sejam privados os infelizes de receber a assistência benéfica que, em tão grande dose, o Senhor das Bênçãos tem distribuido por todos os quadrantes da «Pátria do Evangelho», por seu intermédio; h) — designar o local para onde deva ser dirigida, provisoriamente, toda a correspondência que lhe possa ser endereçada, à Rua Uruguaiana, 97, loja; i) — determinar que as reuniões de Diretoria passem a ser bimensais, nos 1.ºs e 3.ºs domingos; j) — estabelecer ordinariamente uma reunião aos sábados, ás 15 horas, da Comissão Pró-Construção da sede própria.

A DIRETORIA.

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1948.

## Formação dos Grupos de apôio ao 1.º Congresso Educativo Espírita do Estado

O Departamento de Educação da U. S. E., objetivando a maior eficiência possível do próximo primeiro congresso de educadores espíritas do Estado, pede aos confrades de todo o interior, e particularmente aos jovens e professores espíritas, a constituição, em cada cidade, em cada bairro, ou mesmo em cada estabelecimento de ensino, ou outros locais, de grupos de apoio ao congresso. Esses grupos deverão se organizar de elementos espíritas. No caso de se tornarem muito numerosos, constituirão uma comissão diretora, de quatro ou cinco membros ativos, de maneira a não comprometer a sua eficiência pelas dificuldades de reunião e outras. Funcionarão em reuniões semanais, e terão, os pequenos grupos, um presidente, um secretário e um tesoureiro, para a boa distribuição dos trabalhos.

### TAREFA DOS GRUPOS

A finalidade dos grupos será a de contribuir, por tôdas as maneiras possíveis, para a realização do congresso. Os delegados da U. S. E., em todo o interior, presidirão a sua formação, sempre que o puderem. É o seguinte o programa de tarefas para cada grupo:

1.º) — Despertar, nos meios espíritas locais, o interesse pelo problema da educação.

2.º) — Promover reuniões para estudo e debate do assunto, com base nas sugestões da circular da U. S. E., e promover palestras a respeito.

3.º) — Manter a publicação de notícias e artigos na imprensa local, sempre de maneira discreta e objetiva.

4.º) — Mobilizar adesões ao congresso, — de professores, pais espíritas, diretores de instituições doutrinárias, e outras pessoas interessadas, desde que espíritas, encaminhando as fichas preenchidas e assinadas ao Departamento de Educação.

5.º) — Mobilizar a juventude para concorrer aos concursos promovidos pela U. S. E. sobre o instituto e para a elaboração de teses.

6.º) — Preparar uma tese do grupo, designando um ou mais dos seus membros para representá-lo no congresso.

## Livros

### Em Torno do Mestre

Editada pela Federação Espírita Brasileira, acaba de ser lançada a lume, em segunda edição, esta substancial obra evangélica da autoria do nosso distinto amigo e colaborador Vinicius, um dos mais conhecidos e admirados escritores espíritas do País.

«Em torno do Mestre» é mais que um livro: é um tesouro espiritual de incalculável valor. A sua leitura é pão e luz para o espírito.

Contém perto de 370 páginas e está dividido em duas partes: «Seixos e Gravetos» e «Estilhas e Limas».

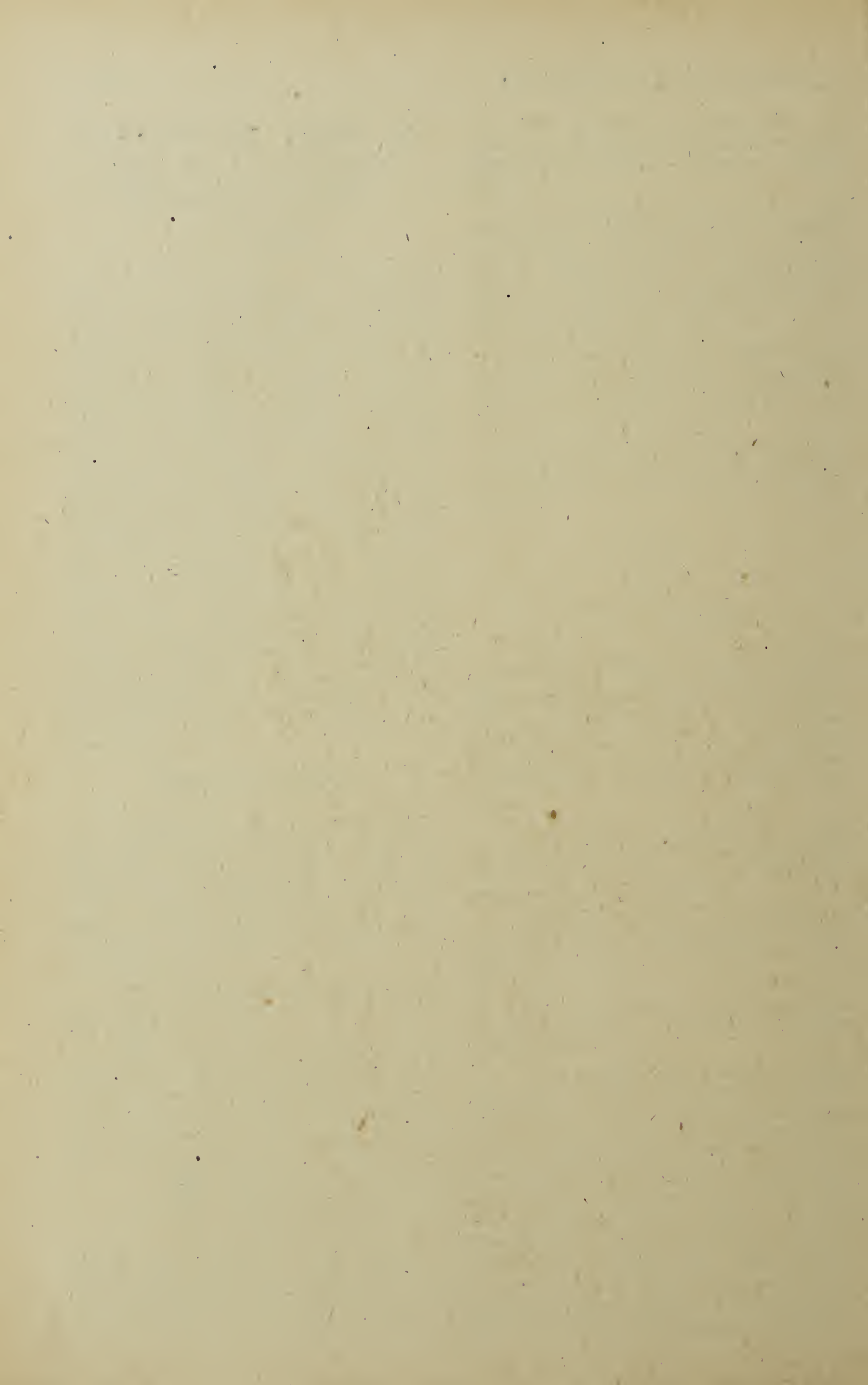
Agradecemos à Federação Espírita Brasileira a oferta de dois exemplares.

— A venda na Livraria de «O Clarim». Preço: Cr. \$ 32,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro.

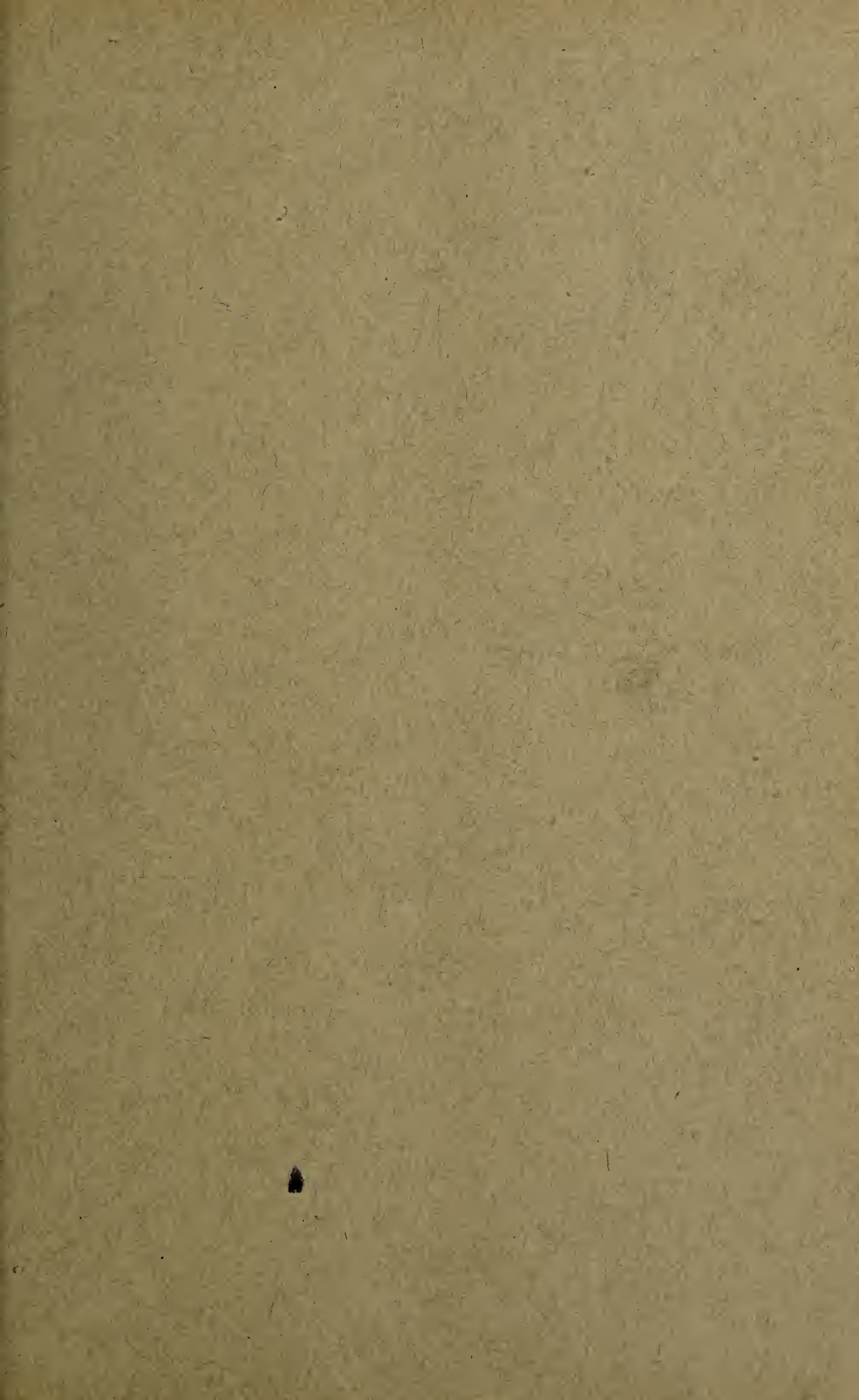
---

**N**A conjugação dos esforços das criaturas de boa vontade nenhum empreendimento cristão deixa de receber o bafejo do Alto e alcançar o prêmio da vitória. Que êste ditado vos sirva de estímulo ao encetardes nova jornada no prosseguimento de uma tarefa que a todos felicita com palavras de amor, esperança e vida eterna. Unidos pelo mesmo sentimento, fortalecidos pela mesma fé, elevemos a Jesus as nossas preces de gratidão por nos permitir comemorar mais um aniversário de uma obra que recebeu o seu beneplácito. E contai com a nossa presença. —CAIRBAR.—(De a Coletânea de «O Clarim».)









# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Director: José da Costa Filho*

*Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$35,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro



